

Jornal da Unicamp

Campinas, 13 a 19 de outubro de 2003 – ANO XVII – Nº 233 – DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

A Unicamp vai aos quilombos



Foto: Álvaro Kassab

Foto: Reprodução



Fotógrafo faz do livro a sua arte

Fotógrafos, renomados ou não, recorrem ao livro para divulgar seus trabalhos. Mais que isso, assumem a edição e associam imagens, textos e design para fazer do próprio livro a sua obra de arte

Página 12

O professor Celsio Lopes (centro), da Faculdade de Engenharia de Alimentos, atravessa de canoa o rio Ribeira em Itaporunduba, onde coordena projeto de agroindústria

O parceiro do Nobel de Física

Amir Caldeira, professor titular do Instituto de Física da Unicamp, recorda seu doutorado com Anthony Leggett, um dos ganhadores do Nobel de Física de 2003. Os dois são parceiros em cinco trabalhos científicos.

Página 9

Unicamp desenvolve dois projetos com entidades parceiras em cinco comunidades remanescentes de quilombos no município paulista de Eldorado, no Vale do Ribeira. Páginas 6 e 7

Foto: Antoninho Perri

Página 5



Tudo sob controle

Pesquisadores da FCM desenvolvem técnica denominada "sling" perineal, que atenua efeitos da incontinência urinária em pacientes que sofreram cirurgia da próstata.

Página 11



Estética do desejo

O psicanalista Contardo Calligaris fala sobre ética e estética do desejo. Ele é um dos convidados para a IV Jornada Corporealinguagem, que será realizada de 22 a 24 de outubro no IEL.

Página 3



50 mil candidatos

O Vestibular da Unicamp atinge 50.307 candidatos em todo o território nacional, um recorde em 18 anos de concurso. O coordenador da Comvest comenta este aumento na procura.

Educação para um futuro sustentável

LUÍS CORTEZ

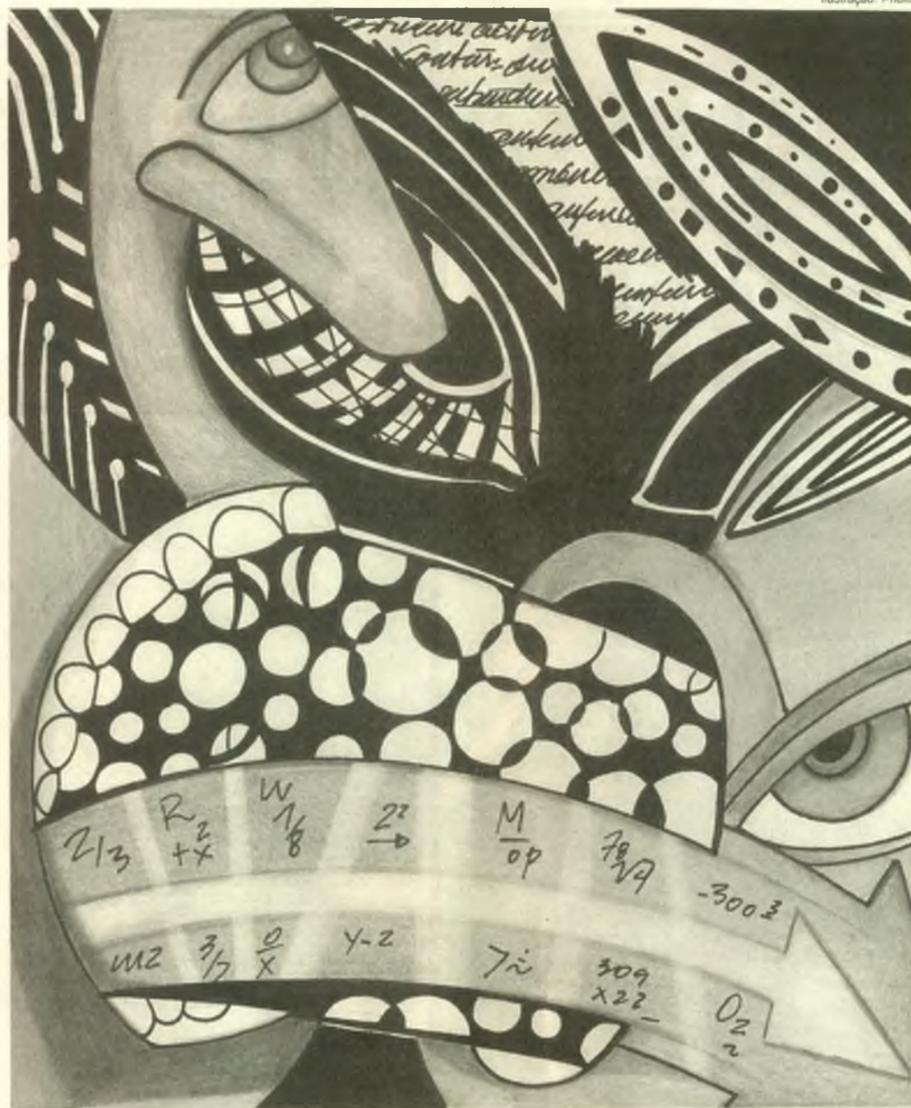
No início de setembro discutiu-se na Charles University, em Praga, República Checa, o papel das universidades nas questões ligadas à sustentabilidade. A International Association of Universities – IAU (<http://www.unesco.org/iau/>) organizou esta reunião que contou com a participação de seus membros, de representação da Unicamp e de universidades de todo o mundo. O objetivo era debater a questão do papel das universidades para um futuro sustentável.

A questão ali não era propriamente discutir metodologias de cálculo ou de tecnologias não poluentes, mas sim a inserção de disciplinas curriculares ligadas à construção de valores, o treinamento do professor quanto às questões ambientais, os programas internos de reciclagem e o enfoque na sustentabilidade, a educação continuada, a formação de líderes, a pesquisa universitária e o conceito de “universidade sustentável” e sua relação com o “mundo externo”.

Mesmo não havendo tempo hábil para se chegar a grandes conclusões, foram discutidos pontos de grande relevância e levantados vários aspectos importantes, como por exemplo a necessidade de realizar-se um mapeamento mundial dos programas de pós-graduação com excelência na questão da sustentabilidade. Esse trabalho deverá ser organizado pela IAU e, nele, a Unicamp pode vir a ser um dos pontos focais de ensino e pesquisa, para difusão do conceito de “futuro sustentável”.

No tema treinamento e ensino na graduação, concluiu-se que além de não existirem materiais pedagógicos adequados (desenvolvimento de *tool kits*), existe também a carência de uma orientação curricular mais clara das disciplinas quanto ao conceito de sustentabilidade e, sobretudo, é necessário que se faça um trabalho específico para influenciar nas etapas de criação ou alteração dos currículos.

Na questão do treinamento dos docentes, sabe-se que a introdução do conceito de sustentabilidade pode representar uma mudança ou a adoção de um estilo completamente novo de ensinar, passando de um



enfoque mais disciplinar para a análise de um problema concreto. Concluiu-se que, nesta questão, faltam “estudos de caso” e mais aderência aos processos em andamento.

Como estratégia na questão da educação continuada, propõe-se levantar o que já se encontra em funcionamento e identificar as barreiras mais importantes enfrentadas atualmente. Propõe-se também a criação de

programas de intercâmbio que possibilitem a docentes e a profissionais de diferentes regiões a possibilidade de um melhor entendimento do assunto para, assim, estarem aptos a uma maior contribuição na construção de um futuro sustentável.

Na questão da pesquisa universitária enfatizou-se o importante papel da interdisciplinaridade. Embora este não seja o caso

da Unicamp, que conta com uma importante participação da pesquisa interdisciplinar, em muitos casos não existe necessariamente uma orientação das pesquisas conduzidas com os problemas da sociedade.

Na Unicamp estas questões vêm ganhando grande importância devido ao grande número de pesquisadores e docentes que desenvolvem atividades ligadas ao tema sustentabilidade. Este, aliás, é o principal motivo que nos torna qualificados para trabalhar com a IAU nos seus diversos programas, documentos e atividades ligadas ao desenvolvimento sustentável (<http://www.unesco.org/iau/sd/index.html>).

Em artigo sobre a questão do conhecimento e o desenvolvimento sustentável (http://www.ifi.unicamp.br/~brito/artigos/oesp_13112002.htm), o reitor Brito Cruz destacou a importância do tema desenvolvimento sustentável e sua relação com o conhecimento. “É interessante e oportuno vermos as múltiplas maneiras com que a universidade pode contribuir para a construção de um futuro sustentável”.

Neste sentido teremos uma grande oportunidade no próximo ano quando, no período de 25 a 29 de julho de 2004, se realizará na USP a 12ª Conferência Mundial da IAU, evento este que está sendo organizado pelas cinco universidades públicas do Estado de São Paulo e que terá como tema central “The Wealth of Diversity – The Role of Universities in Promoting Dialogue and Development”.

No dia seguinte ao evento em São Paulo, dia 30 de julho, será realizado na Unicamp um seminário internacional organizado em colaboração com a IAU e que contará, através do apoio da AUGM – Associação de Universidade do Grupo Montevidéu – com a participação de universidades latino-americanas. Durante esse evento teremos a oportunidade de aprofundar a discussão do tema e suas implicações em nossas instituições, além da discussão de outros temas de interesse do ensino superior.

Luís Augusto Barbosa Cortez é professor da Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri) e coordenador da Coordenadoria de Relações Internacionais (Cori) da Unicamp.

Indagações sobre o desenvolvimento da Unicamp

ELIÉZER RIZZO DE OLIVEIRA

No momento em que celebra a marca das 20 mil teses de doutorado e mestrado, a Unicamp se defronta com uma série de questões sobre o seu desenvolvimento. Na minha ótica enquanto docente de Ciências Humanas, destacarei o financiamento, a Previdência, critérios para bolsas e avaliação docente, critério social no vestibular e uma sugestão curricular.

Os recursos orçamentários da Unicamp – um percentual do ICMS e outros tributos – provêm do governo do Estado por força de decreto. É hora de fundar esta autonomia financeira em lei, abrigada de preferência na Constituição estadual, onde achará segurança jurídica mais adequada.

A reforma da Previdência poderá ser um terremoto para a Unicamp, cujos aposentados, embora tenham contribuído mensalmente para o IPESP, são pagos com recursos orçamentários, ao passo que os 5% que o governo paulista pas-

sa a recolher adicionalmente de todos os servidores não aliviarão a folha de inativos. A prevalecer a vontade do governo Lula, as universidades públicas serão impedidas de criar fundações para resolver seu problema previdenciário. Ora, a reforma em curso assegura direito adquirido aos docentes e funcionários que satisfazem os critérios da aposentadoria integral. Como não há clareza sobre seus efeitos para os que podem aposentar-se na proporcional, muitos estão buscando na aposentadoria, previamente à reforma, a segurança que esta está destruindo.

Dado que a carreira docente combina tempo de serviço e mérito acadêmico, são previsíveis os reflexos, nas atividades da Unicamp, da eventual saída dos mais experientes. Está assegurada a competência dos que ocuparão estes espaços, mas as vagas não se recomporão na proporção das aposentadorias, por força da legislação e dos recursos escassos.

O financiamento de bolsas de estudo precisa ser melhor equacionada, pois as agências de financiamento orientam-se pela hegemonia das áreas duras. Ao contrário, é

preciso erigir uma situação mais favorável às Ciências Humanas, tão importantes para a Unicamp e para o Brasil. Esta disparidade manifesta-se também nos critérios de avaliação do corpo docente, segundo os quais um livro vale menos do que um ensaio, o trabalho individual menos do que o trabalho em laboratório, a docência na graduação não sendo devidamente valorizada. A alteração de tal situação dependerá, sobretudo, de iniciativas dos docentes das Humanas, a começar pela Unicamp.

Outro problema diz respeito às relações entre graduação e pós-graduação, que têm números semelhantes de estudantes com tendência para a ampliação dos pós-graduandos. Ora, uma contribuição essencial da Unicamp na formação de recursos humanos se dá nas carreiras de graduação. Em que pese seu incremento nos últimos anos, acredito que é dever da Unicamp ampliar ainda mais seus cursos e vagas neste nível, talvez em regiões carentes do Estado.

Em função de uma agenda nacional, a Unicamp é pressionada a adotar critérios de compensação social no seu vestibular. Não

cabera empregar isoladamente o critério de cor; é indispensável a consideração da condição social do vestibulando e sua família. Em todo caso, se adotado(s) critério(s) social(is), será necessário ampliar o apoio aos estudantes carentes, área em que a Unicamp é exemplar.

Finalmente, a grade curricular das diversas carreiras deveria abrigar disciplina de cidadania e Direitos Humanos, adaptada aos ambientes culturais das áreas de conhecimento. Pois a cidadania precisa ser cultivada e constituída em cada ambiente da universidade. Não basta produzir bons profissionais, do ponto de vista das habilidades. É preciso que cultivem a tolerância, a responsabilidade social, a solidariedade e o desenvolvimento da democracia. E que descubram o que está sendo feito na (e através da) Unicamp, na cidade e no país.

Eliézer Rizzo de Oliveira é professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH)

UNICAMP Universidade Estadual de Campinas

Reitor Carlos Henrique de Brito Cruz. Vice-reitor José Tadeu Jorge.
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva.
Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Rubens Maciel Filho.
Pró-reitor de Pesquisa Fernando Ferreira Costa.
Pró-reitor de Pós-Graduação Daniel Hogan. Pró-reitor de Graduação José Luiz Boldrini.

Jornal da Unicamp

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade semanal. **Correspondência e sugestões** Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. Telefones (0xx19) 3788-5108, 3788-5109, 3788-5111. Fax (0xx19) 3788-5133. **Homepage** <http://www.unicamp.br/imprensa>. E-mail Imprensa@unicamp.br. **Coordenador de imprensa** Eustáquio Gomes. **Assessor Chefe** Clayton Levy. **Editor** Alvaro Kassab. **Redatores** Antonio Roberto Fava, Isabel Gardenal, Luiz Sugimoto, Manuel Alves Filho, Maria Alice da Cruz, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Ronei Thezolin. **Fotografia** Antoninho Perri, Neldo Cantanti e Dário Crispim. **Edição de Arte** Oséas de Magalhães. **Diagramação** André Luis Amarantes Pedro, Luis Paulo Silva. **Ilustração** Félix. **Arquivo** Antonio Scarpineti. **Serviços Técnicos** Dulcinéia B. de Souza, Edison Lara de Almeida e Hélio Costa Júnior. **Impressão** Prisma Printer Gráfica e Editora Ltda (19) Fone/Fax: 3229-7171. **Publicidade** JCPR Publicidade e Propaganda: (0xx19) 3295-7569. Assine o jornal on line: www.unicamp.br/assineju

Inscrição vai passar a ser feita exclusivamente pela Internet a partir do ano que vem

Vestibular da Unicamp registra recorde de inscritos

CLAYTON LEVY

clayton@reitoria.unicamp.br

Criado há 18 anos, o Vestibular da Unicamp sempre se destacou como um dos mais concorridos do país. Entretanto, o novo recorde de inscrições registrado esse ano para o processo seletivo de 2004 superou todas as expectativas. São 50.307 candidatos de todo o território nacional, número 8,2% maior que as 46.492 inscrições contabilizadas no ano anterior. Ao todo, eles disputarão 2.934 vagas distribuídas em 58 cursos. Três deles são novidades: Midialogia, Farmácia e Telecomunicações. Ao realizar o seu primeiro vestibular, em 1987, a universidade teve 13.260 candidatos.

Outras duas novidades também marcaram o processo de inscrições. Pela primeira vez a Internet foi utilizada como meio para fazer a

pré-inscrição, e outras duas capitais, Goiânia e Porto Alegre, passaram a integrar o circuito de cidades credenciadas para a realização das inscrições e das provas, aumentando a cobertura territorial do processo. Com isso, subiu para 19 o total de municípios onde os candidatos puderam se inscrever, entre eles sete capitais. Diante do novo recorde alcançado e das mudanças introduzidas, o **Jornal da Unicamp** decidiu ouvir o coordenador da Comissão Permanente para o Vestibular (Comvest), Leandro Tessler.

Graduado em física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com mestrado na Unicamp e doutorado na Tei Aviv Universit, esse gaúcho de Porto Alegre fala com segurança sobre os números alcançados e anuncia mudanças para o futuro. Entre elas, um sistema de inscrições totalmente via Internet e uma possível renovação do atual modelo de prova, que poderá apresentar novidades já a partir do vestibular 2005.

JU - Em sua opinião, a que se deve esse novo recorde no número de inscritos para o vestibular?

Leandro Tessler – Há vários aspectos. Se analisarmos com cuidado a origem dos inscritos, constatamos que houve um aumento significativo na capital do estado e na Grande São Paulo, e também na região Centro Oeste do país, onde o número praticamente dobrou. Houve ainda um esforço da Unicamp para facilitar a inscrição. Esse foi o primeiro ano em que a Internet foi usada como forma de pré-inscrição. Isso fez com que um terço dos inscritos adotassem a Internet para o preenchimento do formulário.

JU - O senhor citou o caso da Grande São Paulo, onde se concentrou praticamente metade do acréscimo registrado nas inscrições. Haveria alguma razão específica para esse fato?

Tessler – São Paulo foi realmente um ponto de destaque. É possível que o pessoal de São Paulo esteja em busca de uma melhor qualidade de vida no interior do estado aliada a um curso superior de qualidade. A abertura de cursos com perfis diferenciados, como Midialogia, Telecomunicações e Farmácia, pode ter também despertado o interesse das pessoas em São Paulo.

JU - Historicamente, cerca de um



Fotos: Antoninho Perri

terço dos inscritos vêm da escola pública. Curiosamente, cerca de um terço dos aprovados também vêm da escola pública. Como o senhor analisa esse fato?

Tessler – Isso certamente tem a ver com o tipo de prova que a Unicamp faz. O modelo de vestibular criado há 18 anos busca ser inclusivo. Ou seja, o tipo de prova que propomos privilegia o raciocínio e o espírito crítico frente ao conhecimento informativo. Estamos interessados em candidatos capazes de raciocinar perante um problema novo. Como imaginamos que essa capacidade está distribuída homogeneamente entre alunos de escolas públicas e particulares, nada mais natural que essa proporção se mantenha entre os inscritos e os matriculados.

JU - O senhor está afirmando que o vestibular da Unicamp é inclusivo. Que outros fatores de inclusão poderiam ser apontados?

Tessler – Além do modelo de prova há outros mecanismos de inclusão que estamos utilizando. Por exemplo, as isenções e meias isenções. Neste ano atendemos toda a demanda por isenções. Todos os solicitantes que atendem aos requisitos para receber o benefício (renda familiar de até R\$ 390,00 por membro do domicílio, ter realizado todo o seu ensino básico e médio em escola pública e ser residente no estado de São Paulo), foram aceitos. No total, foram 4.592 candidatos que tiveram isenção total da taxa de inscrição. Desses, 3.939 efetivamente se inscreveram. A maior concentração ocorreu em São Paulo, com 1.811. Em Campinas, foram 1.084. Outra iniciativa que favorece a inclusão é a política de buscar os talentos onde eles estiverem. Temos o Serviço de Apoio ao Estudante (SAE), que é muito eficiente e nos permite buscar alunos em todo o Brasil. Alunos com necessidades sócio-econômicas conseguem se manter durante todo o curso com apoio institucional.

JU - Em relação à cor ou raça, tema que vem concentrando boa parte do debate no país sobre o vestibular?

Tessler – Até 2002 a Comvest não perguntava no questionário sócio-econômico qual era a raça ou cor do candidato. A partir desse ano, incluímos essa pergunta. Usamos a tabela do IBGE para perguntar como o candidato se auto-declara. Entre os can-



O coordenador da Comvest, professor Leandro Tessler: prova privilegia raciocínio e espírito crítico

didatos, 10,5% se declararam pretos ou pardos, ou seja, afro-descendentes. Em relação aos matriculados, 10,3% são pretos ou pardos, ou seja, nosso vestibular, assim como mantém a proporção de escola pública, também mantém a proporção de raça. Isso mostra que, ao contrário do que muitos acreditam, o mais importante mecanismo de exclusão é a auto-exclusão. A pessoa nem se inscreve. E nós estamos trabalhando fortemente para que esse pessoal se inscreva e tente entrar na Unicamp, porque tem boas chances de ser aprovado.

JU - Qual o número mínimo de candidatos que tornaria viável a realização do vestibular em outros estados?

Tessler – Praticamente todas as provas feitas em outros estados acabam se pagando. O processo de aplicação não é muito caro. Por isso, é difícil falar de um número mínimo. Se houver dez candidatos e todos forem talentosos, então vale a pena irmos buscá-los. Costumamos pensar nos inscritos de outros estados não do ponto de vista financeiro. Subvencionamos fortemente o processo porque achamos fundamental facilitar a inscrição para candidatos que vêm de outros estados.

JU - Há perspectivas de ampliação do número de cidades em que o vestibular é realizado?

Tessler – Nosso sonho é realizar as provas em todas as capitais do país, mas ainda não estamos conseguin-

do. Mesmo assim, já estamos com uma cobertura geográfica abrangente. Este ano ainda incluímos Porto Alegre e Goiânia. No futuro, gostaríamos de incluir uma capital da região Norte e outra da região Nordeste. Assim praticamente todo o país ficará coberto.

JU - Qual a principal novidade para o próximo ano?

Tessler – Vamos acabar com a inscrição através do papel. Todo o processo será via Internet. Com isso, imaginamos que aumentará ainda mais o número de inscritos.

JU - Vai chover gente...

Tessler – A gente quer que chova gente porque no meio dessa gente toda é que estão os mais talentosos.

JU - Embora no geral tenha aumentado o número de inscritos, observa-se uma queda significativa em Brasília, que é uma capital importante. A redução foi de 82% em relação ao vestibular anterior, caindo de 608 para 107 inscritos. Ao mesmo tempo, em Goiânia, que está na mesma região e entrou pela primeira vez no circuito, a inscrições explodiram, chegando a um total de 736. Há alguma relação entre esses dois fatos?

Tessler – Claro que sim. Em geral, o número de inscritos oriundos de outros estados é grande quando não há uma boa universidade nas proximidades. Brasília tem a UnB, que é de excelente qualidade. Devido a isso, muitos inscritos em Brasília na verdade vinham de Goiânia ou até mesmo de locais ainda mais distantes, como Manaus. Além disso, há alguns anos, a UnB tem feito as suas provas nas mesmas datas que a Unicamp.

JU - Se essa tendência de queda não se alterar, Brasília continuará recebendo o vestibular da Unicamp?

Tessler – Ainda manteremos por mais algum tempo, mas a tendência é sair dos locais onde há poucos inscritos. Por outro lado, estamos apostando em novos lugares.

JU - E no caso de Porto Alegre, que entrou pela primeira vez no circuito e também teve um número pequeno de inscritos, apenas 63?

Tessler – Embora tendo realizado um bom trabalho de divulgação, parece que ainda não conseguimos chegar ao interior do Rio Grande do

Sul. Muitos dos inscritos em Porto Alegre vieram do interior. Acho que o nosso verdadeiro alvo no Rio Grande do Sul deveria ser o interior e não a capital. Não tivemos, por exemplo, nenhum inscrito de Caxias do Sul, onde há um excelente ensino médio segundo os dados do INEP. Temos de considerar, ainda, que é o início de um trabalho naquela região. No caso de Porto Alegre, se dos 63 inscritos tivermos 15 aprovados (no ano passado, dos 27 aprovados em Curitiba 15 eram do Rio Grande do Sul), já valeu a pena. Esperamos que no próximo vestibular, com as inscrições pela Internet, isso possa melhorar.

JU - O atual modelo de vestibular será mantido ou pode haver mudanças?

Tessler – Nós nos demos conta de que o nosso modelo de prova para a primeira fase, com doze questões e uma redação, chegou ao seu limite. O número de 50 mil candidatos para esse modelo é exagerado. Não há outro vestibular no Brasil que corrija um número tão expressivo de redações e o faça garantindo a homogeneidade entre todas as provas. É fundamental que o critério aplicado na primeira correção seja exatamente o mesmo aplicado na última. Então já iniciamos uma discussão na Câmara Deliberativa para buscar uma nova opção.

JU - Quais as possibilidades existentes?

Tessler – Há várias. Uma possibilidade mais ou menos óbvia é tirar a redação da primeira fase e levá-la para a segunda. Assim o número de redações a corrigir cairia para menos de 15 mil. Outra possibilidade é corrigir primeiramente as questões e só corrigir as redações daqueles candidatos que atingirem uma determinada média nas questões. Há muitas coisas em discussão, mas claramente o modelo atual muito provavelmente não poderá ser repetido por uma questão de logística. Nossa banca de correção de redação já conta hoje com 132 pessoas. Não dá para aumentar porque não há onde colocar mais corretores. Por outro lado, se estendermos o prazo da correção a qualidade pode cair, porque todos são humanos e têm de manter os mesmos parâmetros da primeira à última correção. Então, vamos ter de trabalhar num novo modelo, porém sem sacrificar as características de inclusão e de qualidade do vestibular.

Equipamento portátil e barato mede princípio ativo em formulações farmacêuticas comerciais

IQ desenvolve dispositivo útil para farmácias de manipulação

LUIZ SUGIMOTO

suginoto@feitoria.unicamp.br

Desde 2001, as farmácias de manipulação estão submetidas a uma legislação nacional que obriga a apresentação de laudos atestando a qualidade da matéria-prima e dos produtos manipulados. No caso da matéria-prima, os estabelecimentos contam com resultados de análises do fornecedor. Já quanto ao medicamento manipulado, as farmácias ficam responsáveis pelo laudo comprovando a dosagem prescrita pelo médico. Isto pode ser encomendado a um laboratório especializado, mas a custos razoáveis.

Testes confirmam eficácia do equipamento

Um produto adequado para que as farmácias de manipulação cumpram a legislação – é igualmente útil em pequenos laboratórios – é o fruto de pesquisas realizadas pelo Instituto de Química (IQ) da Unicamp. Wilma Cristina Tavares Crivelente, em dissertação de mestrado orientada pela professora Adriana Vitorino Rossi, dosou hidrocortisona em formulações farmacêuticas comerciais, usando um equipamento portátil que pode ser montado por meros R\$ 600. “Nos testes, conseguimos quantificar a hidrocortisona com boa precisão”, afirma Wilma Crivelente.

A professora Adriana Rossi explica que a quantificação de medicamentos envolve dois aspectos. Um deles é a dosagem em fluidos biológicos do paciente, com fins de análise clínica, controlando, por exemplo, o quanto dele é absorvido pelo organismo, quanto é efetivamente utilizado e quanto é eliminado o que pode ser útil em diagnósticos. Neste caso, as faixas de concentração são muito baixas, um problema que requer detalhes e cuidados especiais no desenvolvimento dos métodos analíticos. Outro aspecto, muito diferente, é dosar a quantidade do princípio ativo numa formulação farmacêutica. Então, as concentrações são mais altas e o controle de qualidade passa a ser um ponto crítico para garantir as propriedades terapêuticas do produto a ser comercializado.



A professora Adriana Rossi e a pesquisadora Wilma Crivelente: simplificando ao máximo o procedimento analítico

“Esta dissertação surgiu muito em função da ideia de simplificar ao máximo o procedimento analítico. As grandes indústrias farmacêuticas possuem laboratórios que resolvem quase todos os problemas de análise, mas graças a equipamentos muito caros, inacessíveis para indústrias menores e mais inacessíveis ainda para farmácias de manipulação”, diz a professora.

Baixo custo – Para os pesquisadores do Grupo de Pesquisas em Química Analítica e Educação (GPQUAE)

do IQ, simplificar também significa tornar mais barato. Os procedimentos que envolvem a formação de compostos coloridos facilitam medidas analíticas. Uma técnica é a espectrofotometria, que no trabalho de Wilma Crivelente acabou adaptada num equipamento portátil de baixo custo. “O aparelho, também desenvolvido

aqui no laboratório com a colaboração dos professores Matthieu Tubino e Xiwen He, relaciona a intensidade da cor – proporcional à concentração da substância – com a resistência de um resistor fotossensível que é lida num multímetro”, demonstra Adriana Rossi.

O multímetro pode ser comprado em lojas de materiais elétricos por cerca de R\$ 70. A cela de medida, que envolve um resistor fotossensível de R\$ 1 real, é montada em teflon grafitado (R\$ 120) que precisa ser torneado em oficina (o trabalho de torno não deve passar de R\$ 400). “Quanto aos procedimentos, colocamos à disposição dos interessados. Como toda farmácia de manipulação possui um técnico em Química ou Bioquímica, além de um farmacêutico, os procedimentos experimentais são de domínio do estabelecimento”, acrescenta a professora.

Versatilidade – Wilma Crivelente não encontrou irregularidades em seus testes com produtos comerciais contendo hidrocortisona. “Eles apresentaram variações dentro da faixa estabelecida pelos fabricantes”, atesta. “Esta variação é larga, facilmente detectável em termos de análise. Nosso procedimento atinge uma faixa muito menor. O importante é que aplicamos uma reação muito adequada, estudada no IQ e na Unesp de Araraquara, pela professora Helena Pezza e o mestrando André Vilecentim, na qual se forma um composto colorido derivado da hidrocortisona”, assegura Adriana Rossi.

Os testes com a hidrocortisona confirmam a eficácia do equipamento desenvolvido no IQ na quantificação de um princípio ativo, mas a professora, ao lado de outros pesquisadores, vem trabalhando em procedimentos para outros princípios ativos de formulações farmacêuticas, como clorotetraciclina, acetato de dexametasona e acetato de hidrocortisona. “É possível estudar outras reações para diferentes compostos. Interações com farmácias de manipulação ajudariam a priorizar aqueles de seu maior interesse”, sugere Adriana Rossi.

Excesso acarreta efeitos colaterais

A hidrocortisona é um hormônio produzido pelo organismo e pode atuar como mecanismo natural de defesa, apresentando importante atividade antiinflamatória. Quando esta produção é insuficiente, uma dosagem adicional pode ser oferecida com medicamentos. Porém, o uso prolongado desses medicamentos faz com que o corpo vá deixando de produzir o hormônio, tornando-se cada vez mais dependente da fonte externa. Surge o risco de diversos efeitos colaterais, variando conforme o metabolismo de cada pessoa, sendo descritos na literatura casos que vão do sim-

ples aumento de acne ao agravamento de problemas menstruais e ósseos, dores de cabeça e até a morte.

A hidrocortisona possui várias outras funções, dentre elas a de aumentar o tônus muscular, tendo provocado sua associação com doping de atletas. Mas o uso abusivo afeta mais a população que se automedica com antiinflamatórios. Os médicos a prescrevem apenas como último recurso, assim mesmo começando por doses baixas e voltando a diminuí-las ao final do tratamento, dando tempo ao organismo de repor o que estava sendo ingerido.

Pesquisa mede risco de hipertensão entre jovens trabalhadores

A incidência de hipertensão arterial entre adolescentes brasileiros está entre 6% e 8%, segundo dados consensuais divulgados em 1998 por entidades médicas. É um índice que justifica a necessidade de novas pesquisas e de programas educativos voltados para esta população, visto que a pressão arterial acima do normal na infância e adolescência é um fator prognóstico para hipertensão na idade adulta. Um tratamento preventivo minimizaria os efeitos no futuro.

Tratamento preventivo atenua efeitos

Entre os fatores de risco que o adolescente pode apresentar estão herança familiar, excesso de peso, doenças associadas como diabetes, sedentarismo, ingestão de sal e gordura, consumo de drogas, álcool e tabaco, além de aspectos emocionais como irritação, raiva e estresse. Esta situação tende a se agravar quando o adolescente entra no mercado de trabalho, não encontrando mais tempo para a prática de esportes e se sujeitando a ambientes que propiciam tensão em alguma medida.

Carla Spinella, aluna do quarto ano de enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, acompanhou 193 patrulheiros que prestam serviços à Universidade, por um período de sete meses. “Visitei todos os locais de trabalho e cada entrevista durou em média 20 minutos”, afirma. Do total, 135 são do sexo masculino e 58 do feminino. Quanto à raça, 79 brancos, 52 negros e 62 pardos. Em relação ao índice de massa corpórea, 22 esta-



Carla Spinella, aluna do quarto ano de Enfermagem da FCM, acompanhou 193 patrulheiros durante sete meses

vam abaixo do peso, 128 com peso normal e 14 apresentavam algum grau de obesidade.

O professor José Luiz Tatagiba Lamas, que orientou a pesquisa, informa que a amostra indicou 4 adolescentes hipertensos e 9 com pressão limitrofe, prevalência que ficou abaixo da média reconhecida oficialmente. “Mas a proposta deste trabalho era identificar os fatores de risco mais comuns entre os adolescentes trabalhadores e buscar uma

associação com a pressão arterial de cada um. Todos os que apresentaram pressão acima do normal se enquadravam na população de risco”, observa.

A presença de fatores de risco entre os adolescentes foi muito grande, ressalta Carla Spinella. No questionário, 120 deles admitiam irritação (enquanto sensação passageira), 109 o estresse (submetidos a preocupação constante) e 104 a raiva (irritação mais duradoura). “Muitos reclama-

vam das chefias, do trabalho cansativo e de problemas com pais e irmãos”, lembra a estudante. Também foi alto o índice de doenças na família, como as cardiovasculares, a hipertensão e a diabetes.

O sedentarismo mostrou-se um fator de risco preocupante, pois 118 deles limitavam-se a trabalhar e a estudar. “Eles argumentam que não têm mais tempo para praticar esporte. Notamos ainda o grande consumo de café, talvez pelo fácil acesso no período de

trabalho. A bebida alcoólica é consumida aos finais de semana por 56 deles e 6 admitiam fumar. Ninguém confessou o uso de drogas, creio que por medo ou vergonha”, acrescenta a estudante. “Tais respostas vão na contramão dos dados do Cebrid (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicótropicas), segundo os quais 51,2% das crianças entre 10 e 12 anos já tiveram contato com álcool, 7,8% com tabaco e 2% com solventes”, complementa o professor.

Manguitos – Carla Spinella realizou três aferições em cada voluntário, em duas utilizando um manguito (borracha que envolve o braço) de 9cm de largura e em outra o aparelho padrão de 12 cm. “A largura correta do manguito corresponde a 38% da circunferência do braço e 77,4% dos adolescentes exigiram o tamanho, menor que o padrão. Comparando as medições feitas com o aparelho correto e o padrão, vimos diferenças significativas tanto da pressão máxima (sistólica) quanto da mínima (diastólica). Um deles foi considerado hipertenso sistólico na medição com o manguito correto, mas normotenso quando se usou o padrão”, exemplifica.

“Para a maioria dos adolescentes devemos usar rotineiramente aparelhos mais estreitos para medir a pressão. Ao utilizarmos o manguito padrão, o valor fica subestimado, dificultando a detecção da hipertensão e privando a pessoa do tratamento adequado”, finaliza o professor Lamas. (L.S.)

Técnica indicada para pacientes que sofreram cirurgia de próstata tem alcançado bom índice de cura

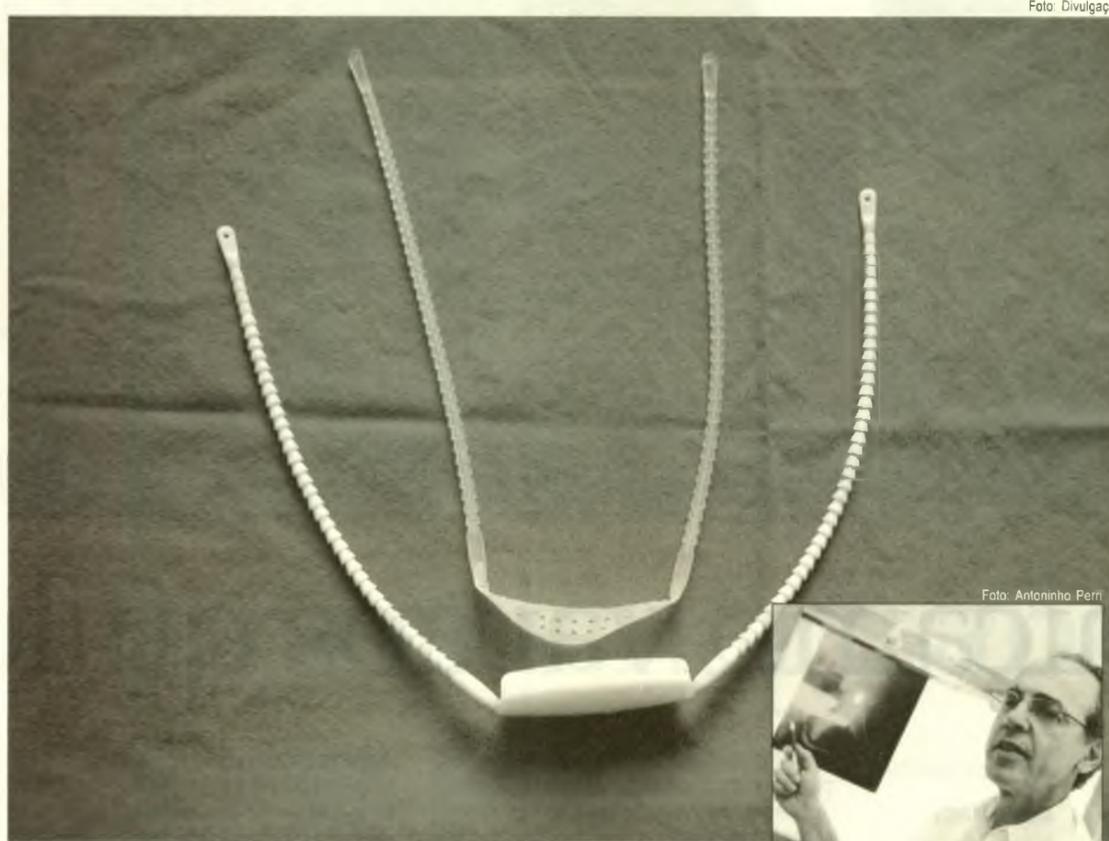
Cirurgia atenua efeitos da incontinência urinária

ANTONIO ROBERTO FAVA
fava@unicamp.br

Pesquisadores da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp estão conseguindo melhorar a incontinência urinária de pacientes que sofreram cirurgias da próstata. A técnica, denominada "sling" perineal, consiste basicamente numa incisão na região do perineo – localizado atrás do escroto – com a qual o médico isola a uretra fixando uma faixa de silicone. Essa faixa, segundo o urologista Carlos D'Ancona, do Departamento de Urologia da FCM, tem a função de comprimir a uretra e, com isso, efetuar o controle da urina.

A técnica começou a ser desenvolvida com sucesso no Hospital das Clínicas da Unicamp há cerca de um ano. Coordenada por Carlos D'Ancona, até o momento foram realizadas 11 cirurgias com um índice de cura superior a 60%. Atualmente há uma lista de seis pacientes, em fase de exames, à espera de cirurgia. O objetivo do trabalho da equipe de Carlos D'Ancona é oferecer um tratamento de baixo custo e aperfeiçoar a técnica cirúrgica no HC da Unicamp. A cirurgia vem sendo aplicada com grande sucesso em países da Europa e nos Estados Unidos, segundo o médico.

Esse tipo de cirurgia para controlar a incontinência urinária – perda involuntária da urina – é indicado àqueles homens que sofreram cirurgias da próstata, principalmente a prostatectomia radical (extirpação total da próstata) e a ressecção transuretral (RTU), que é a intervenção feita pelo canal da urina retirando-se parcialmente a próstata. É uma cirurgia feita principalmente em pacientes com mais de 60 anos, faixa de idade em que ocorre o maior índice de cân-



O médico Carlos D'Ancona, do Departamento de Urologia da FCM, e o dispositivo de silicone: trabalho centrado no tratamento da uretra

cer de próstata. As doenças mais comuns são as de ordem neurológicas, hiperplasias prostáticas benignas (HPB) e o câncer de próstata, "doenças absolutamente tratáveis e geralmente curáveis", afirma D'Ancona. Trata-se de uma cirurgia de no máximo uma hora e meia de duração. Após a intervenção, o paciente fica no hospital entre 24 e 48 horas. É uma operação que pouca dor causa ao paciente, e a recuperação, após a cirurgia, dá-se em torno de uma semana, quando o doente, já em casa, deve

levar uma vida com pouca atividade física. "A recuperação completa deve ocorrer após um mês", lembra D'Ancona.

Causas diversas – A incontinência urinária não é uma doença ou consequência natural do envelhecimento. Na maioria das vezes, é um sintoma ou efeito colateral de alguma doença. São diversas as causas que provocam a incontinência urinária no homem. Uma delas é a uretral, alteração no funcionamento do esfíncter;

outra é a vesical, alteração no funcionamento da bexiga. O esfíncter é um músculo com fibras circulares que envolvem um orifício e que garante sua oclusão ou abertura – da bexiga ou do ânus. D'Ancona explica que existem tratamentos específicos para cada tipo de incontinência urinária.

"O nosso trabalho, especificamente, é centrado no tratamento da uretra, que é o mau funcionamento do esfíncter", diz. A incontinência urinária – sem falar das causas que a provocam – dificulta a vida do indi-

víduo no convívio social, afastando-o do trabalho, da família e dos amigos. "Torna-se incômodo ao homem quando tem que usar fraldões e outros produtos absorventes para que tente levar uma vida com qualidade no mínimo razoável. Há produtos especificamente desenhados para a anatomia masculina. Ainda que tenha tudo isso, o indivíduo acaba se isolando. Foi pensando nesses pacientes que passamos a desenvolver o 'sling' perineal, com a intenção de pelo menos tentar minimizar o sofrimento desses pacientes para que tenham uma vida de melhor qualidade", explica o médico.

Alguns dos tratamentos disponíveis, incluem-se medicamentos (que tratam a incontinência urinária melhorando a função dos nervos ou músculos da bexiga ou uretra), terapia comportamental com mudanças de comportamento ou estilo de vida do indivíduo visando à continência, retraining da vesícula (urinar com horário marcado), fisioterapia (exercícios para a musculatura pélvica e perineal), além de procedimentos cirúrgicos recomendados pelo médico para os casos mais graves de incontinência.

As eventuais causas de câncer de próstata são de ordem genética e alimentação do indivíduo para as quais sugerem-se dois tipos de prevenção: a primária, que consiste numa alimentação saudável à base de soja e alimentos que contenham licopeno e vitaminas E, até o selenio; a secundária consiste em o paciente fazer anualmente exames de laboratório (sangue e urina) para checar sinais de infecção e de outras anormalidades.

SERVIÇO

Os interessados devem procurar pelo Ambulatório de Urologia, no 2º andar do Hospital das Clínicas (HC), às terças-feiras, após agendar consulta pelos telefones 3788-7491 e 3788-7880, no Serviço Social do 3º andar, com Jane.

Pesquisa produz cera extraída de subproduto da cana

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

Um subproduto da indústria sucroalcooleira, a torta de filtro, atualmente descartada ou utilizada como fertilizante, pode ganhar um destino mais nobre e gerar lucros adicionais para o setor, graças a uma pesquisa desenvolvida por Thais Maria Ferreira de Souza Vieira, que acaba de se doutorar pela Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) da Unicamp. O resíduo dá origem a uma cera que apresentou propriedades químicas e físicas próximas às das ceras comerciais de carnaúba e abelha. "O trabalho mostrou que a cera obtida a partir da cana-de-açúcar pode vir a ser uma alternativa à cera de carnaúba, com potencial de aplicações nas áreas alimentícia, farmacêutica, de cosméticos e de limpeza", afirma a autora da tese. Segundo ela, o estudo gerou um pedido de registro de patente em nome da Universidade.

A cera da cana-de-açúcar apresenta pelo menos duas vantagens importantes sobre as demais, conforme Thais. Primeiro, ela é extraída de um subproduto abundante gerado pela indústria sucroalcooleira. O Brasil, lembra a pesquisadora, é o maior produtor mundial dessa cultura agrícola. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estimam que o País fechará 2003 com uma safra de aproximadamente 380 milhões de toneladas. Segundo, porque a cera da cana-de-açúcar pode-



A pesquisadora Thais Maria Ferreira de Souza Vieira: destino mais nobre à torta de filtro

ria ser usada como alternativa à de carnaúba, que resulta de uma atividade extrativista e de produção limitada.

A autora da tese de doutorado explica que a cera está presente na

superfície da cana-de-açúcar. Ela forma uma espécie de película que protege a planta contra a desidratação e do ataque de microorganismos e insetos. Depois que a cana é moída e o caldo é extraído para a produ-

ção de açúcar ou álcool, restam alguns subprodutos, entre eles a torta de filtro. Para separar a cera dos outros materiais é usado um solvente. Processo semelhante é adotado para purificar o produto. Thais afir-

ma que cada tonelada de cana-de-açúcar gera, em média, 30 quilos de torta de filtro.

O rendimento em cera purificada, a partir das tortas de filtro secas utilizadas no trabalho, variou de cerca de 2% a 4%, de acordo com a pesquisadora. Ao promover a análise da cera já purificada, Thais constatou que ela apresentou propriedades químicas e físicas similares às da cera comercial de carnaúba. Embora o estudo não tenha incluído testes relativos à aplicação, a autora da tese acredita que, em virtude dessas características, a cera de cana-de-açúcar poderia ser constituída em alternativa à cera de carnaúba em algumas aplicações. As ceras, esclarece a especialista, são usadas na produção de biofilmes comestíveis, cosméticos, revestimentos de cápsulas de remédios e pastas para limpeza e polimento.

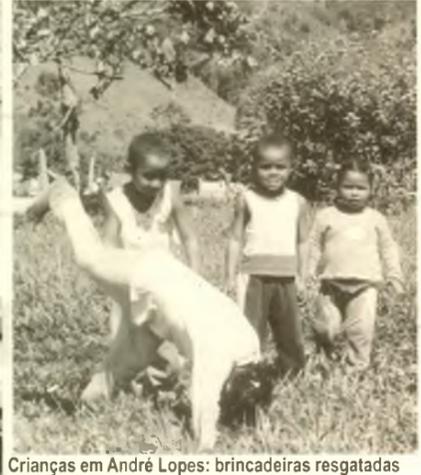
Segundo Thais, a sua tese de doutoramento faz parte de uma linha de pesquisa da FEA, sob a coordenação do seu orientador, o professor Daniel Barrera-Arellano. Algumas usinas de açúcar e álcool, revela a pesquisadora, já demonstraram interesse em dar um destino mais nobre à torta de filtro, a partir do processo desenvolvido por ela. "Acredito que, antes da transferência de tecnologia para a iniciativa privada, seria necessário desenvolver trabalhos que tenham como objetivo a aplicação da cera da cana-de-açúcar", afirma. Para desenvolver a tese, Thais, que atualmente trabalha na Embrapa Agroindústria de Alimentos, contou com bolsa concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Fotos: Álvaro Kassab/ André Kassab



Crianças na igreja da comunidade de André Lopes

Mensagem de boas-vindas na sala de aula da escola de André Lopes, onde pernitoiu a equipe da Unicamp



Crianças em André Lopes: brincadeiras resgatadas



Bruna Vasconcelos e Flávio Boni, alunos da Unicamp, durante trabalho com crianças no Sapatu



Marcelo Mazolla fala aos líderes comunitários: telefonia em questão

A Unicamp vai aos quilombos d

ÁLVARO KASSAB

kassab@reitoria.unicamp.br

Desenformado com zelo, o cusuz feito com arroz macerado e amendoim torrado foi colocado sobre a mesa da cozinha da escola municipal do bairro rural de André Lopes, no município paulista de Eldorado. A poucos metros dali, numa sala de aula improvisada como dormitório, uma mensagem de boas-vindas escrita a giz rasgava assimétrica toda a extensão da lousa. Em comum, nos dois ambientes, havia mais que desenhos na parede e a caligrafia esmerada em cartazes a revelar a faixa etária dos alunos — havia a alegria em receber o “povo do Unicamp” que chegara na madrugada alta de 27 de setembro, um sábado. (À noite, um forró pé-de-serra completaria o programa de recepção).

Tão logo o dia amanheceu sob uma névoa que cobria os morros, grupos de crianças atravessaram a estrada Eldorado-Iporanga para chegar à escola onde estavam hospedados os visitantes. A algazarra às vezes abafava o canto sortido da passarinhada e o som dos cursos d'água que desembocam no rio Ribeira, situado a menos de meio quilômetro dali, e pouca coisa mais caudaloso do que de costume por conta da chuva da noite anterior. A excitação dava a medida do que representa hoje, para os moradores de cinco comunidades remanescentes de quilombos do Vale do Ribeira, os dois projetos desenvolvidos pela Unicamp na região. São elas, as crianças, uma das pontas que compõem o arco de ações que abrangem

Universidade desenvolve, ao lado de outras instituições, dois projetos em cinco comunidades rurais às margens do Ribeira

Ponte em Ivaporunduva: natureza exuberante e agricultura de subsistência

desde projetos de gestão agroindustrial, passam por cursos de capacitação de lideranças e se estendem até atividades de resgate cultural.

As comunidades quilombolas de Ivaporunduva, Sapatu, André Lopes, São Pedro e Galvão têm, na mesma proporção, uma história rica em tradições seculares e em desmandos perpetrados por alheios. Sua população, composta de descendentes de escravos que chegaram no Ribeira no século 18 para garimpar ouro, vive da agricultura familiar. Nesse universo, a presença da Unicamp é vista com carinho pelos moradores, normalmente escaldados com promessas que logo caem no vazio.

Em miúdos - O professor Celso Lopes, da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA), sabe o quanto é frágil a linha que separa o terreno das boas intenções de uma intervenção que coloque tudo a perder. Um dilema, explica, enfrentado por todo agente que pretenda atuar em comunidades tradicionais, fechadas ou isoladas. “Em que medida é possível conseguir essa inserção sem transformar valores secularmente arraigados?”, indaga. Embora seja prematuro afirmar, a resposta pode estar nos dois projetos coordenados por Lopes. As iniciativas foram tão bem-recebidas que ganha força a possibilidade de a Unicamp passar a fazer um trabalho permanente na região. “A presença da Universidade abre margem para projetos análogos, abre outras perspectivas.”

Não se trata de uma previsão diletante. Lopes, um especialista em sistemas integrados de produção, sabe bem onde pisa. Sua tese de doutorado, finalizada em 1999, fundamentou-se no seu envolvimento com uma comunidade florestal composta por extratores de palmito na reserva ecológica Juréia Itatins. Lá, coordenou a implantação de um sistema produtivo sustentável que levasse em conta critérios ecológicos, sociais e econômicos. Durante dois anos foram acompanhados os índices de manejo de rendimento de palmito nativo.

Esse cartel foi imprescindível para que Lopes assumisse a coordenação de um dos projetos da Unicamp no Ribeira, em fase de implantação em Ivaporunduva. Obairro abriga cerca de 80 famílias e foi o ponto de partida da maioria dos ancestrais dos moradores dos demais quilombos da região. O projeto consiste na implantação de uma agroindústria para o processamento da banana, base da economia local, e o envolvimento da comunidade em todas as etapas da cadeia produtiva.

Trata-se de uma parceria entre a Unicamp, através do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação (Nepa), Instituto Socioambiental (ISA) e Associação Quilombo de Ivaporunduva. A Universi-

dade entra com sete pesquisadores (veja quadro) e mais o aporte de R\$ 80 mil do CNPq, que em julho de 2001, logo depois de iniciado o projeto, lançou um edital para a viabilização de um programa de agricultura familiar que buscasse métodos de gestão de qualidade de produção certificada para pequenos agricultores.

O pesquisador faz um corte rápido e volta no tempo. Revela que se mostrou cético quanto à viabilidade do projeto ao ser procurado pela primeira vez pelos membros do ISA, cuja proposta restringia-se à implantação da fábrica. Lopes não acreditava em soluções vindas de cima para baixo, saídas do gabinete. Mudou de idéia depois do comprometimento dos parceiros em envolver os moradores no programa. O edital do CNPq dissipou as dúvidas. “Descortinei aí a possibilidade de avançar na linha de pesquisa”, revela Lopes, que em seguida engajou outros colegas da Unicamp no projeto.

O objetivo da equipe, conforme consta no documento formulado pelos pesquisadores, “é aplicar e avaliar, com a comunidade, metodologia para concepção, formulação, projeto e avaliação de sistemas para produção agroindustrial, constituído por práticas, métodos e instrumentos de gestão da qualidade e da produção apropriados a comunidades de pequenos produtores da agricultura familiar, visando à geração de renda, ao aumento da qualidade de vida, à preservação e conservação ambiental e à obtenção de produtos com certificação social e orgânica. Simultaneamente, serão desenvolvidas as competências necessárias para os produtores e elaborados os estudos e os projetos executivos para que os mesmos implantem uma agroindústria para banana e outras frutas”.

O professor troca em miúdos. “É a população definindo como as coisas devem ser. Dirija que trabalhamos como se fôssemos uma incubadora *in situ*”. Lopes não é dado a arroubos, mas não vacila em afirmar que desconhece, no país, um projeto dessa envergadura que tenha como sustentação tal abordagem e no qual a interação entre o proponente e a comunidade funcione como pré-requisito. Este relacionamento, frisa Lopes, leva em conta as peculiaridades, os valores subjetivos e a tradição oral da comunidade, o que não significa que o rigor científico

seja deixado de lado.

Depois de algum tempo parado por falta de recursos, o projeto foi retomado graças a uma contrapartida financeira obtida na Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (Preac) e no ISA. A parte estrutural do prédio já está finalizada, e os equipamentos, avaliados em R\$ 45 mil, estão sendo comprados. A previsão é de que a fábrica esteja totalmente instalada entre final de novembro e começo de dezembro.

A planta de processamento vai permitir a confecção de qualquer produto derivado da banana, entre eles a banana passa, a banana frita (tipo chips), a bala de banana (com e sem açúcar) e o doce de banana mole, o produto mais tradicional das comunidades remanescentes de quilombos e ainda feito em tacho, embalado em palha de milho e conservado em jirau — prateleiras de bambus dispostas em cima do fogão a lenha.

“A forma de conservação está diretamente ligada ao cotidiano das comunidades. Às vezes, o doce é conservado por seis, sete meses. Esse produto, se colocado numa prateleira de supermercado, não dura mais do que cinco dias; a lógica da cadeia de produção e consumo é outra. É isso que estamos trabalhando”, diagnostica Lopes. Os pesquisadores da Unicamp vão acompanhar todo as etapas do projeto, até que os moradores assumam de vez seu próprio negócio.

Lopes observa que os programas da Unicamp vêm se caracterizando pelo respeito à diversidade, por uma atuação mais crítica e pela prática sistemática de romper de vez com o caráter paternalista que ainda predomina nas ações sociais que envolvem comunidades. “A nossa relação é de parceria. Aquilo que é dado e

▼ **PROJETO I** – Metodologia participativa baseada no desenvolvimento de competências para a implementação e gestão do sistema agroindustrial para produção de alimentos com certificação social e ambiental por comunidades de agricultores familiares

▼ **INSTITUIÇÕES**
Unicamp (Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários e Nepa)
Instituto Socioambiental (ISA)
Associação Quilombo de Ivaporunduva

▼ **COORDENAÇÃO**
Celso Costa Lopes, professor da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) da Unicamp

▼ **EQUIPE DE PESQUISADORES**
Miriam Dupas Hubinger, professora da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp (FEA)
Marlene Rita de Queiroz, professora da Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri)
José Luiz Pereira, professor e pesquisador do Núcleo de Estudos em Pesquisas em Alimentação da Unicamp (Nepa)
Pedro Ramos, professor do Instituto de Economia da Unicamp (IE)
Luiz Carlos Fabrini Filho, pesquisador do Nepa

Vitor Negrete, pesquisador do Instituto Socioambiental (ISA)

▼ **PROJETO II**
Fortalecimento de de Quilombos do Vale do Ribeira

▼ **COORDENAÇÃO**
Professores Celso Hubinger

▼ **PATROCÍNIO**
Unicamp/Preac – FAE)
Universidade Solidária
CNPq

▼ **PARCERIA**
Unisol – Projeto Quilombo

▼ **EQUIPE DE PESQUISADORES**
da Unicamp
Bruna M. Vasconcelos
Celso Costa Lopes
Elisângela Moura
Flávio Fernando Bonifácio
Francine Baruffi





Wilson Mazalla Neto fala a jovens quilombolas em André Lopes



O aposentado Aristides Furquim: vivendo do artesanato



José Rodrigues, da Associação Quilombo de Ivaporunduva: resistência



Vista de Ivaporunduva, comunidade às margens do Ribeira, onde a Unicamp desenvolve projeto de gestão agroindustrial



Dona Santina (centro): passos de fandango no Sapatu

o Ribeira. Para ensinar e aprender

não conquistado, não é valorizado”.

A máxima aplica-se ao projeto “Fortalecimento de Associações de Remanescentes de Quilombos do Vale do Ribeira”, fruto de parceria firmada entre a Unicamp, através da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (Preac), e o Universidade Solidária (Unisol), com apoio do CNPq.

Celso Lopes, que também coordena este projeto iniciado em junho, entende ser necessário fazer o devido recorte para mostrar a independência das duas ações – a desenvolvida em Ivaporunduva e a do Programa Quilombos, que inclui este bairro e outros quatro, todos banhados pelo Ribeira. “O Unisol é uma ONG, cujo objetivo é colocar o universitário em contato com uma realidade diferente, ampliar seu horizonte e comprometer-lo socialmente como futuro profissional”, explica. Porém, continua o professor, o projeto tem características próprias, sendo formulado integralmente na e pela Unicamp, com a participação das lideranças comunitárias locais.

“Os coordenadores propuseram que antássemos as cinco comunidades com o objetivo de integrá-las e capacitá-las, para que no futuro gerissem projetos. Decidimos então construir este projeto em campo”. O programa, que se estende até o final de novembro, envolve 11 alunos da Unicamp e a professora Miriam Dugas Hubinger, da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA), que divide a coordenação com Lopes. “Os líderes das comunidades encaminharam duas verbas de trabalho. Uma que prevê uma oficina de elaboração de projetos. A outra é uma oficina para encontrar meios de aumentar a participação dos jovens

no resgate cultural”, conta o pesquisador.

Na oficina de elaboração de projetos, telefonia foi o tema escolhido. No último dia 27, foi fechada a configuração do elenco de necessidades para área. Já a oficina de resgate cultural desencadeou a proposta da realização de encontros entre as cinco comunidades, nos quais fosse realizada uma série de atividades que despertassem a reflexão e conduzissem ao aprofundamento do tema. “Saímos do senso comum e partimos para a intencionalidade de identificação de análises de dados para fazer um diagnóstico mais preciso”, afirma Lopes.

Foram organizadas, neste âmbito, atividades de resgate das tradições locais nas áreas do folclore, da culinária, das danças típicas, dos brinquedos, das lendas e das práticas de cura, com a catalogação por exemplo de ervas encontradas na mata. Todo esse material está sendo documentado em fotos e vídeos que serão exibidos numa exposição prevista para o evento final do projeto.

No quilombo – O agricultor José Rodrigues, líder comunitário de Ivaporunduva, considera fundamentais as ações da Unicamp nas comunidades remanescentes de quilombo principalmente “ao ensinar aquilo que o povo não sabe”. No caso da planta industrial de processamento da banana, o agricultor entende que a iniciativa agrega valor ao produto, disparado a maior fonte de renda da população local. “Todo mundo aqui tem seu bananalzinho.” Não é exagero. Calcula-se que estejam plantados, nos 2,7 mil hectares do quilombo, cerca de 400 mil pés.

Os moradores vendem em média 600 caixas de 20 quilos por semana. O lucro é rateado entre as 80 famílias, em sistema que tem bases cooperativistas. Um caminho com capacidade de carregar 8 toneladas adquirido pela comunidade faz a distribuição do produto na Ceasa, em São Paulo. “A gente vende duas ‘carradinhas’ por semana, coisa de R\$ 3 mil”. Feitas as contas, vê-se que o dinheiro dá para o gasto.

A produção é controlada. Vinte e sete agricultores acabam de obter o certificado do Instituto Biodinâmico de Botucatu (IB), que atesta a origem orgânica da banana. De acordo com o instituto, “os produtores atenderam integralmente às normas e ao padrões de produção agrícola exigidos para a certificação”. “Aqui não entra veneno”, avisa José Rodrigues, cujos planos in-

cluem a confecção de doce à base de banana orgânica.

O respeito à natureza é atávico em Ivaporunduva. Só se chega ao lugar por de balsa ou numa canoa que atravessa num vaivém incessante os aproximadamente 100 metros que separam as duas margens do Ribeira. “Nossos ‘antigos’ nos ensinaram a preservar”, relata Rodrigues. A mata nativa permanece praticamente intacta, a agricultura é de subsistência e a pesca, feita em canoas “cavadas” em madeiras “caídas”, obedece à ritualística secular. Rodrigues sabe que a organização é a única forma de resistir às incursões predatórias. Está na história.

De acordo com dados do ISA, Ivaporunduva integra uma região “que concentra o maior número de comunidades remanescentes do Estado de São Paulo”. Este quadro, ainda segundo o ISA, é decorrente, sobretudo, da mineração do ouro que predominou na região em meados do século 18. Segundo levantamentos do instituto, com a abolição da escravidão, os escravos permaneceram na área como lavradores.

Rodrigues fia-se na tradição oral para narrar a história do lugar. Conta que uma fazendeira conhecida como Maria Joana ficou doente e voltou para Portugal, deixando para trás os escravos. Parte deles permaneceu em Ivaporunduva e a outra embrenhou-se “pelos fundos”, espalhando-se depois por outras comunidades. O quilombo abriga duas reliquias arquitetônicas da época. Uma igreja construída no século 18, a de Nossa Senhora do Rosário, e um cemitério cercado por um muro de taipa e engravado no meio da mata.

A área a que se refere o estudo do ISA é parte de um ecossistema riquíssimo, Patrimônio Natural da Humanidade desde 1999. De acordo com documento formulado pelos pesquisadores da Unicamp, o Vale do Ribeira concentra a maior área contínua de Mata Atlântica do país. Abriga 2,1 milhões de hectares de florestas, 150 mil de restingas e 17 mil de manguezais, o mais conservado banco genético das regiões Nordeste, Sudeste e Sul e a mais importante reserva de água doce dos estados de São Paulo e do Paraná. Em contrapartida, os indicadores sociais colocam a região como a mais pobre do Estado.

O Ribeira, único rio “vivo” paulista, vem sendo ameaçado com frequência nos últimos anos. O Ibama indeferiu, no último dia 25, o pedido de licenciamento ambiental feito pela Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), do Grupo Votorantim, para o funcionamento da Usina Hidrelétrica Tijuco Alto.

Moradores da comunidade de Ivaporunduva sabem que a organização é a melhor forma de resistência

Segundo Rodrigues, que integra o MOAB (Movimento dos Ameaçados por Barragens), a construção de uma barragem no Ribeira causaria prejuízos irreparáveis ao meio ambiente e à população ribeirinha. “Num boqueirão como o nosso, a água cobriria de morro a morro e devastaria nossa agricultura, toda ela desenvolvida às margens de afluentes do Ribeira”. Dados do ISA corroboram a tese. Estudos preliminares indicam que “a Hidrelétrica de Tijuco Alto inundaria uma área de 11 mil hectares composta de maciços de matas nativas, cavernas, além de alterar significativamente o regime hídrico, o que afetaria todo o complexo estuarino do Lagamar”.

As barragens são apenas um capítulo da saga fundiária protagonizada pelos quilombolas. Em poucos minutos de conversa, José Rodrigues enfileira outros exemplos. O problema foi em parte minimizado com a concessão do título definitivo de terra em algumas comunidades, incluída aí a de Ivaporunduva. Nem todos, porém, tiveram a mesma sorte.

O aposentado Aristides Furquim, por exemplo, morador do bairro de André Lopes, não sabe se vai viver o suficiente para ter direito à terra que um dia foi de seus tataravós. Furquim mora numa casa de pau-a-pique a não mais que um quilômetro da Caverna do Diabo. Sobrevive do artesanato feito à base de palha de banana, outra fonte de renda na região. “Para variar”, faz também cestos de frutas e budoques, arma rudimentar de seus ancestrais. E outro quilombola que vê na Unicamp uma parceira. Não por acaso, sua mulher, dona Santina, foi vista ensaiando uns passos de fandango numa oficina de resgate cultural no bairro do Sapatu.

Afluente do rio Ribeira em Ivaporunduva: ecossistema riquíssimo



Nepa	Gláucia de Moura
Coordenador do Instituto So-	Karin Deleuse Blikstad
	Marcelo Mazzola
	Mateus Duque Erthal
Comunidades Remanescentes	Miriam Dupas Hubinger
de Ribeira (SP)	Patrícia Carneiro de Oliveira
	Pedro Henrique Pereira Costa
	Wilson Mazalla Neto
Comunidades e Miriam Dupas	■ das Comunidades
	Amarildo M. de França
	Antonio Morato
Apoio à Extensão(Claudina Rodrigues dos Santos
)	Doraci Furquim
	Edson Rodrigo da Silva
	Eliseo Henrique dos Santos
	Geraldo Furquim
	Gino Florindo dos Santos
	Gizele Souza Silva Pereira
	Ilza de Andrade S. Pereira
	Jaziel Aparecido Santos
	José Rodrigues Silva
	Jovita Furquim
	Maria da Guia Silva
	Maria Gonçalves Fonseca
	Maurício P. Lupo
	Nodir Dias da Guia

Material testado e aprovado em laboratório foi desenvolvido a partir do amido de milho e da gelatina

Pesquisador desenvolve plástico biodegradável

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kcl@unicamp.br

O pesquisador Leonard Sebio, do Centro de Pesquisa em Tecnologia de Extrusão da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA), desenvolveu um plástico biodegradável à base de amido de milho e de gelatina, depois de quatro anos de pesquisa. O material, já testado e aprovado em laboratório, pode ser um excelente substitutivo dos plásticos sintéticos ou dos papéis e papelões na fabricação de descartáveis como pratos, copos, bandejas, talheres, pastas de documento, vasos de flores etc. Segundo Sebio, o material plástico alternativo, por ser oriundo de uma fonte natural renovável, tem um potencial de degradação total no meio ambiente ao contrário dos materiais sintéticos encontrados no mercado. O pesquisador lembra ainda que o amido pode ser encontrado de forma abundante na natureza, extraído principalmente de cereais, de raízes e de tubérculos. Por isso se constitui em uma matéria-prima bastante promissora.

Material pode substituir produtos sintéticos

Sebio revela que a idéia de desenvolver um material biodegradável surgiu a partir da constatação do crescente acúmulo de lixo, proveniente de plásticos sintéticos que agredem o ecossistema por causa do longo tempo de permanência no ambiente. "É preocupante a proliferação dessas embalagens, apesar de satisfazer a necessidade de custo, formato, conveniência e marketing garantindo uma proteção desejada para diversos tipos de aplicação. Com isso são responsáveis por grande parte de resíduos que se acumulam na



O pesquisador Leonard Sebio, da Faculdade de Engenharia de Alimentos: quatro anos de pesquisa

natureza", lamenta. O biopolímero amido processado se decompõe em média 0,25g por dia, ao contrário do polímero sintético, que pode levar séculos. Assim, artefatos obtidos a partir desse plástico biodegradável, quando descartados em locais chamados ambientes microbiologicamente ativos (solos, aterros sanitários, rios, lodos ativados, etc.), terão maior facilidade de se decompor podendo se transformar em adubo e melhorar a porosidade e a densidade do solo. A pesquisa de Sebio fez parte de sua tese de doutorado "Desenvolvimento de plástico biodegradável à base de amido de milho

e gelatina pelo processo de extrusão: avaliação das propriedades mecânicas, térmicas e de barreira", orientada pelo professor Yoon Kil Chang.

Processamento – A produção do Amidoplast, nome dado ao material registrado no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) para finalidade de patente pelo pesquisador, envolveu o uso do processo de extrusão termoplástica de dupla rosca, frequentemente utilizado em alimentos para sua transformação em salgadinhos industrializados, macarrão, flocos de milho, ração animal e diversos outros.

O equipamento, instalado no Centro de Pesquisa é o único existente na sua categoria em faculdades de engenharia de Alimentos no Brasil, e teve que sofrer algumas adaptações para processar o amido de milho e transformá-lo em plástico biodegradável. Sebio esclarece que a extrusão é principalmente utilizada nas indústrias de plásticos. Desta forma, foram feitos vários ajustes e alteradas as condições de processamento o que sustenta o fato que além da extrusão, o plástico biodegradável pode ser manufaturado em equipamentos tradicionais de processamento de plásticos sintéticos

tais como injeção-moldagem termoformagem e calandragem.

Após a extrusão, obteve-se laminados bioplásticos que foram avaliados na suas propriedades de resistência, elasticidade, alongamento, permeabilidade ao vapor de água e índice de desintegração em meio aquoso e térmicas. Isto seria necessário para se saber se as propriedades mecânicas e térmicas estavam em níveis aceitáveis.

O pesquisador também desenvolveu a uma metodologia estatística que lhe permitiu escolher matematicamente os melhores ensaios a partir de um planejamento experimental fatorial. Ele tentou ainda realizar a associação com outras matérias-primas como as farinhas de semente de algodão, semente de girassol e com a semente de mamona. Mas o melhor resultado foi obtido com o amido de milho, glicerol, gelatina e água, sendo que na formulação do Amidoplast, há cerca de 50% água o que torna o seu custo de fabricação muito mais barato afirma o pesquisador.

Um dos aspectos que pesou na decisão de Sebio foi o resultado de transparência do material. Os outros materiais formulados não mostraram esta propriedade importante em tecnologia de plástico, salienta. Outra questão é que além de se biodegradar naturalmente, o Amidoplast se mostrou também um importante alimento, pois pode ser metabolizado nas cadeias alimentares de quaisquer organismos vivos, sustentando eventualmente sua utilização como rações para gado e peixes. Para testar esta alternativa, o pesquisador deixou o material em uma gaveta e observou que, aos poucos, foi comido pelos insetos e quando jogado na lagoa, pelos peixes.

Ezequiel Theodoro da Silva lança quatro livros sobre leitura

MARIA ALICE DA CRUZ
halice@unicamp.br

Desde que iniciou a sua vida acadêmica na universidade, Ezequiel Theodoro da Silva se propôs a publicar pelo menos um livro a cada dois anos. Em 2003, porém, o professor aposentado, que agora atua como voluntário no Grupo de Pesquisa ALLE - Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da Unicamp (Departamento de Metodologia de Ensino - Grupo de Pesquisa) superou sua própria expectativa, entregando ao mundo editorial quatro novos títulos. Um deles foi produzido na companhia de três profissionais da Unicamp, e os outros compõem uma trilogia pedagógica, que traduz 30 anos de trabalho dedicado à educação.

Autor é do Cole e fundador da ABL

Num momento em que o Brasil concentra 20 milhões de analfabetos e outros 70 milhões de alfabetizados que não lêem, Ezequiel Theodoro da Silva contribui para o debate sobre os rumos da leitura no País com a sua trilogia pedagógica, editada pela Editora Autores Associados de Campinas. "Fui juntando um feixe de escritos que, quando vi, não me deixavam nem abrir a gaveta". São textos elaborados para cursos, aulas e conferências apresentados por Ezequiel em sua área de atuação. O primeiro livro da coleção, *Leitura em curso*, reúne textos elaborados para cursos de leitura e tem como proposta alertar para uma revisão urgente das formas pelas quais professores e bibliotecários conduzem a prática da leitura.

Criador do Cole e um dos sócio-fundadores da Associação de Leitura do Brasil (ALB), Ezequiel não vem medindo esforços na defesa do direito de acesso à leitura. "Quando uma criança tem problemas com matemática, por exemplo, ela sofre somente nessa matéria. Mas se tiver problemas com leitura, vai sofrer não



O professor Ezequiel Theodoro da Silva, que atua no ALLE: leitura no centro do debate

só com a matemática, mas com todas as disciplinas do currículo escolar", analisa. Diante disso, trouxe a público também o conteúdo do segundo livro da trilogia, *Conferências sobre leitura*.

De grande importância para o momento atual, no qual "a falta de leitura é um dos principais fatores de exclusão social", o terceiro livro tem como objetivo principal apresentar a definição de *Unidades de Leitura*, fornecendo exemplos concretos aos leitores. A obra pretende elucidar dúvidas como: Que cara tem uma unidade de leitura? Como planejar um trajeto de leitura para os alunos? Sobre isso, o autor vai direto ao assunto: "Muitos professores não sabem que unidade é um projeto para promover a leitura e produzir leitores."

Produção virtual – De reuniões to-

talmente virtuais realizadas com os co-autores Sérgio Ferreira do Amaral, da Faculdade de Educação, Fernanda Freire, do Núcleo de Informática Aplicada à Educação (Nied) e Rubens Queiroz de Almeida, do Centro de Computação da Unicamp (CCUEC), surgiu *A leitura nos oceanos da internet*, numa edição da Cortez Editora. Os ensaios orientam educadores de qualquer nível de ensino dispostos a conduzir o processo de formação do leitor do texto eletrônico. "Apesar de a base do livro impresso e do eletrônico ser a escrita, eles não lidos da mesma forma", explica Silva. Diante disso, os autores decidiram produzir a obra também virtualmente, encontrando-se somente no lançamento durante o 20º Cole, em julho. A edição de 3 mil exemplares, de acordo com Ezequiel, está praticamente esgotada, revelando o interes-

se dos professores pelo tema.

Para Ezequiel, é obrigação do autor promover a obra. Ele afirma que todos os livros produzidos por ele anteriormente já ultrapassaram a décima edição. "Se você gera a criança, tem de criar", observa. O professor acredita que, a partir da primeira realização do Cole, em 1978, a leitura ganhou o estatuto de um objeto exclusivo de pesquisa. Na sua avaliação, o Cole vem sendo um fator de estímulo para as reflexões e a pesquisa sobre leitura em todos os quadrantes do País. Hoje em dia, os trabalhos sobre diferentes aspectos da leitura nascem e se desenvolvem na maioria dos estados brasileiros, de acordo com o professor.

"O assunto nunca esteve tão quente", observa Ezequiel, que comemora o fato de o governo federal estar com um projeto de alfabetização em

massa. Uma das preocupações de um dos maiores incentivadores da leitura é que o consumo brasileiro de livros é de apenas 1,2 livro/habitante-ano. Ele também aprova a iniciativa de veículos de comunicação, como a Rede Globo, em atuar como incentivadores da leitura. "As chamadas para a importância e o valor da leitura aparecem atualmente em intervalos de programas de grande audiência, como os jogos da seleção brasileira", pontua.

A luta pela superação dos problemas da leitura é intensa, garante o professor. O primeiro fator que contribui para números tão baixos de leitores, na sua opinião, é a crise econômica "medonha". Outro: "O País é televisivo". E outro ainda, que exige muito dos governantes e de representantes da área educacional: "Escolas e cidades são muito precárias quanto aos ambientes de leitura", reflete. Ele também se espanta com o fato de Campinas possuir apenas quatro bibliotecas públicas, enquanto Ribeirão Preto inaugura 330, Curitiba mantém o Farol do Saber e o Rio de Janeiro espalha postos avançados de leitura.

"O ensino nas escolas é livresco, mas não tem livros", lamenta o acadêmico ao comentar as estruturas culturais para a promoção da leitura. Ele acrescenta que o desafio é grande diante das precariedades acumuladas. Um dado assustador revelado por Silva e que certamente pode retardar o sonho de se ter um Brasil quase 100% leitor: "Sessenta por cento das escolas brasileiras não têm sequer energia elétrica".

Apesar de defender os benefícios de uma boa leitura, Silva reflete também sobre obrigatoriedade. "Também não vamos usar o discurso que leitura é tudo na vida; ela é um complemento. A pessoa deve conviver com a leitura e os livros para satisfazer as suas diferentes necessidades e nem todas as necessidades humanas são atendidas exclusivamente pela leitura", arremata.

Professor da Unicamp assinou trabalhos com Nobel de Física

CLAYTON LEVY

clayton@reitoria.unicamp.br

Amir Caldeira, professor titular do Instituto de Física da Unicamp, é conhecido no meio acadêmico por suas pesquisas sobre tunelamento e perda de coerência em sistemas quânticos dissipativos, que hoje servem de referência para pesquisas sobre a possibilidade de desenvolvimento de processadores quânticos em computadores de última geração. Como cientista, chegou a ocupar o primeiro lugar no ranking dos físicos brasileiros mais citados no exterior, com 3.258 artigos publicados até 1999. Na semana passada, porém, um fato novo recolocou seu nome em evidência entre a comunidade científica. O físico britânico Anthony Leggett, que orientou a sua tese de doutorado de 1976 a 1980, e com quem o brasileiro assina cinco importantes trabalhos no terreno

Trabalhos são na área da física quântica

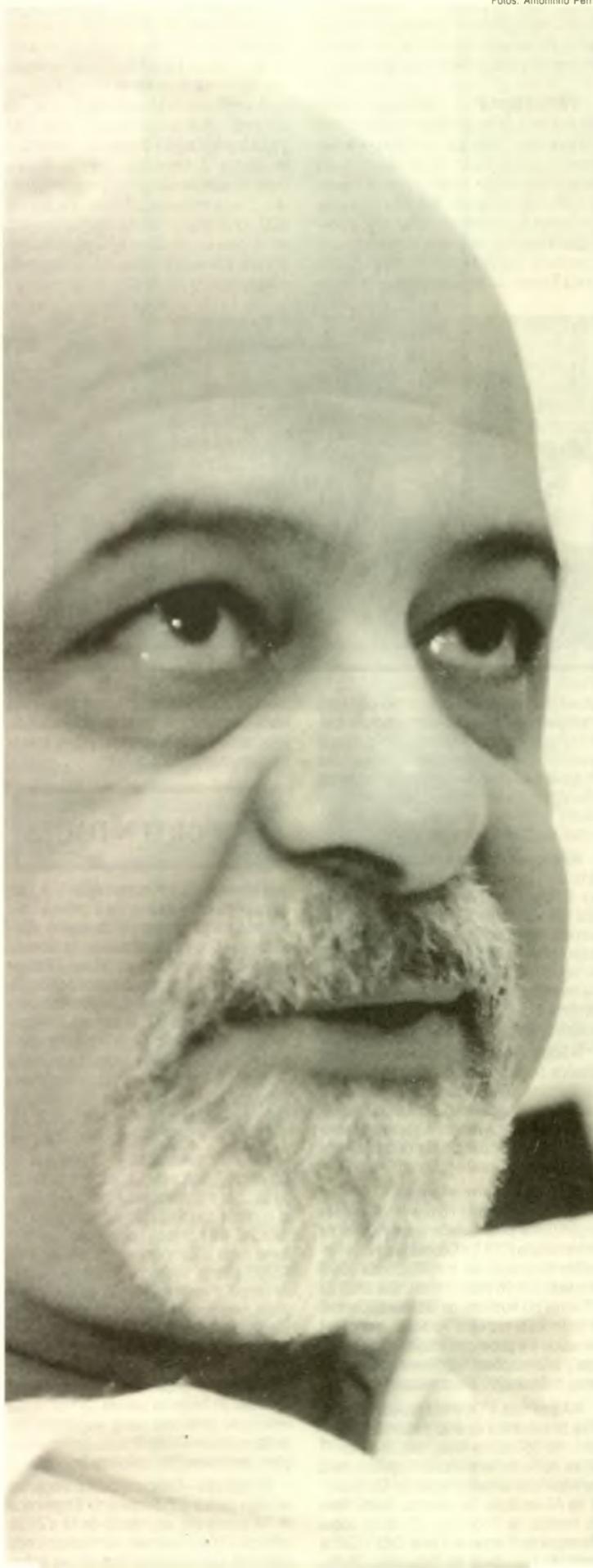
da física quântica, acabou de ser anunciado como um dos ganhadores do Nobel de Física 2003.

“Meu telefone não pára de tocar”, disse Caldeira na última terça-feira, quando a premiação foi anunciada. De sua sala, no departamento de física da matéria condensada, ele virou referência nacional para falar sobre Leggett. Atendeu a dezenas de chamados, tanto de seus pares quanto da imprensa, para comentar o prêmio e dar informações sobre uma das novas estrelas da física. As outras duas são os russos Vitaly Ginsburg e Alexei Abrikosov, que dividiram o Nobel com o britânico. Trabalhando separadamente, Abrikosov e Ginsburg desenvolveram abordagens fenomenológicas para a teoria dos supercondutores, enquanto Leggett explicou como os átomos interagem e se ordenam em superfluidos. Os três dividirão o prêmio de US\$ 1,3 milhão.

Materiais supercondutores são aqueles que, abaixo de determinada temperatura, não apresentam resistência e permitem que a corrente elétrica passe sem dissipação. Isto é, o material não esquenta e a energia não se perde, como nos sistemas convencionais. Assim, esses materiais impediriam, por exemplo, a perda de quase 40% de energia que ocorre na transmissão convencional de eletricidade. “A superfluidade é quase a mesma coisa, só que aplicada a fluidos”, diz Caldeira.

O brasileiro cita o seguinte exemplo para facilitar o entendimento: “se você pega um balde cheio d’água e gira, e a água, por causa de sua viscosidade, vai girar dentro dele. Já o superfluido é um líquido que não tem viscosidade”. A Academia do Nobel, por sua vez, foi mais formal ao justificar a premiação. “Leggett formulou uma teoria decisiva para explicar como os átomos se comportavam e se ordenavam no estado de superfluidade”, diz uma nota divulgada pela entidade.

Ao contrário dos supercondutores, o trabalho de Leggett sobre superfluidos ainda não tem uma aplicação prática. Mesmo assim, segundo Caldeira, não significa que seja menos importante do ponto de vista científico. “Não se



O professor Amir Caldeira, do Instituto de Física da Unicamp: parceiro e orientando do britânico Anthony Leggett

Fotos: Antoninho Perri

Cientista já ocupou o primeiro lugar no ranking dos físicos brasileiros mais citados no exterior

faz pesquisa unicamente pensando em colocar produtos nas prateleiras”, afirma. “Física básica é geração de conhecimento; e sem esse conhecimento não dá para entender a matéria”, completa.

O caso dos superfluidos, segundo Caldeira, exemplifica esse quadro. Entendê-los e fazer as analogias necessárias é muito importante para compreender como a matéria reage a temperaturas muito baixas”, diz. Segundo o brasileiro, o estudo poderá ser útil de outras maneiras no futuro. “O conhecimento adquirido sobre determinadas características do superfluido pode ser um laboratório para se entender o que ocorre em outros sistemas que tenham aplicação mais imediata”.

Por essa razão, a premiação a Leggett não chegou a ser surpresa para Caldeira. “Estou muito feliz porque sempre achei que ele (Leggett) merecia”, disse. Os artigos que o brasileiro assina em parceria com o britânico não estão relacionados ao trabalho premiado pela Academia Real de Ciências da Suécia, mas ainda assim ele não esconde a admiração por Leggett, com quem conviveu e trabalhou, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos. “Tony (é assim que Caldeira se refere ao amigo) não se limita a analisar o mecanismo dos fenômenos; ele vai sempre além, tentando entender as suas causas”, conta.

O trabalho de Caldeira com Leggett trata basicamente de tunelamento quântico em sistemas dissipativos, tendo resultado nos seguintes artigos: Influence of damping on quantum interference – an exactly soluble model (PHYSICAL REVIEW A), com 216 citações; Path integral approach to quantum Brownian-motion (PHYSICA), 782 citações; Quantum tunneling in a dissipative system (ANNALS OF PHYSICS), 1576 citações; Probabilities for quantum tunneling through a barrier with linear passive dissipation – comment (PHYSICAL REVIEW LETTERS), 26 citações; e Influence of dissipation on quantum tunneling in ma-

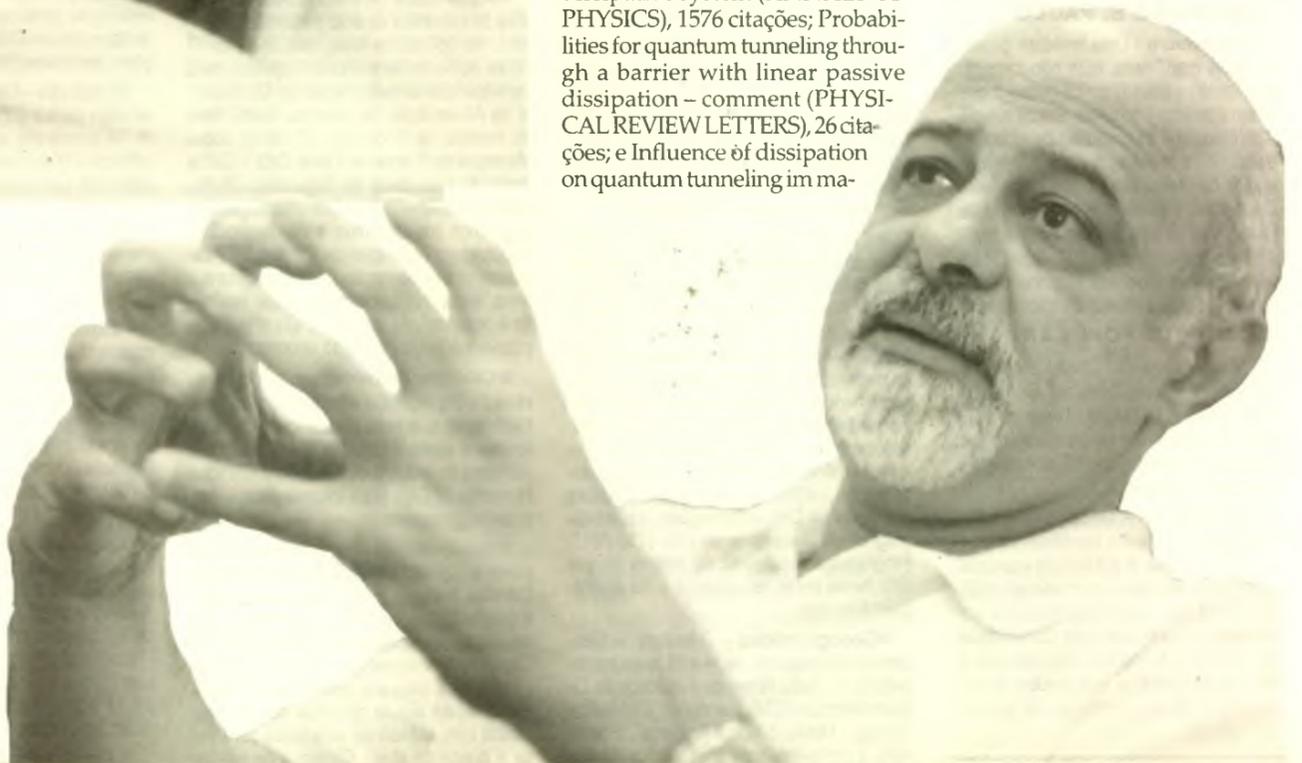
croscopic systems (PHYSICAL REVIEW LETTERS), 902 citações.

Caldeira foi orientando de Leggett na Universidade de Sussex, na Inglaterra, mas também já trabalhou com o físico na Universidade de Illinois, nos Estados Unidos, onde ele mora atualmente. Embora tenha dedicado toda a sua vida à física, Leggett, segundo Caldeira, pode ser descrito como um “boa praça”. Casado com uma japonesa que atua na área das ciências sociais, Leggett “adora uma bebida e jantar com os amigos”. A única dificuldade, de acordo com Caldeira, é entender o que o físico fala e escreve. “Ele fala rápido demais e sua letra é muito pequena”.

Carioca “da gema” e torcedor “revoltado” do Flamengo, Caldeira graduou-se em física pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde também fez o mestrado. “No início, queria fazer engenharia elétrica. Mas a maneira de abordar a ciência não era a mesma que me atraía. Queria entender o porquê das equações e só encontrei isso na física”, conta. Sua tese de doutorado, orientada por Leggett, tem o título de “Tunelamento macroscópico e tópicos relacionados”.

O trabalho foi concluído em 1980. Da Inglaterra, Caldeira veio direto para a Unicamp, onde tornou-se uma das referências em mecânica quântica, teoria que descreve o comportamento da matéria na escala do “muito pequeno”, ou seja, é a física dos componentes da matéria; átomos, moléculas e núcleos, que por sua vez são compostos pelas partículas elementares.

Para Caldeira, o Brasil vai bem em termos de pesquisa básica. “Tem muita gente séria. O que precisa é não mexer com o que está funcionando bem”, diz, referindo-se às mudanças que o setor de Ciência e Tecnologia sofre a cada mudança de governo. “A gente vive num estado de tensão constante, sem saber se vai cortar aqui ou ali”. Segundo ele, o que falta não é pesquisa na universidade, e sim um contato maior dos formandos com o mercado. “A nossa função é geração de conhecimento e formação de pessoal de alto nível. O grande desafio é ir para o mercado de trabalho desenvolver a inovação”, conclui.



Vida Acadêmica



VALOR ECONÔMICO

8 de outubro - Passados três anos do "boom" da internet e da descoberta de novas possibilidades para a Educação a Distância (EAD), já é possível começar a contabilizar os avanços do ensino on-line no país. Estão no livro, os relatos sobre vários projetos como o da Universidade Anhembi-Morumbi, em São Paulo, que criou o seu primeiro curso on-line, na área de moda, em 1996; o ensino de francês instrumental da PUC-SP, o Núcleo de Informática Aplicada à Educação (NIED) da Unicamp; o Laboratório de Ensino a Distância da Universidade Federal de Santa Catarina, que lançou a primeira especialização inteiramente on-line no país, em parceria com o SENAI, em 1998.

ESTADO DE S. PAULO

7 de outubro - A Unicamp registrou neste ano recorde no número de inscritos para seu vestibular. Serão 50.307 candidatos disputando 2.934 vagas na Unicamp e também nos cursos de Enfermagem e Medicina da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (Famerp). A quantidade de inscritos é 8,2% superior à do ano passado. A Unicamp permitiu, pela primeira vez, o preenchimento da ficha de inscrição pela internet. Até o fim do mês, a instituição divulgará a relação candidato-vaga para a prova, cuja primeira fase ocorrerá em 23 de novembro.

7 de outubro - Começa nesta segunda-feira na Unicamp o seminário Caipira: Cultura, Identidade, Mercado, no qual professores, críticos e músicos discutirão a figura social do caipira e suas expressões na música e no cinema.

PANORAMA BRASIL

7 de outubro - Uma oportunidade de novos negócios para micros e pequenos empresários da região metropolitana de Campinas, na Grande São Paulo. Esse é o principal objetivo da Rodada de Negócios organizada pelo Grupo de Estudos e Negócios dos Setores Empresariais (Gênese). Além da movimentação comercial, um dos principais destaques desse ano foi a participação de uma empresa júnior criada por alunos da Unicamp.

6 de outubro - Uma prótese formada por diamante dez mil vezes menor que a espessura de um fio de cabelo (nanodiamante) está sendo desenvolvida pela Unicamp, e testada em cobaias também pela Universidade Estadual Paulista (Unesp).

GAZETA MERCANTIL

6 de outubro - A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), a Unicamp e trabalham em parceria para a construção de uma máquina que vai ajudar na extração da amêndoa encontrada dentro da castanha do caju sem danificar o fruto. O maior problema enfrentado hoje pela indústria é na abertura da castanha porque muitas amêndoas não saem inteiras.

FOLHA DE S. PAULO

6 de outubro - Uma levedura geneticamente modificada, mas não transgênica (pois os seus próprios genes é que foram alterados), promete reduzir em até 50% os custos da produção de álcool no Brasil. Para resolver esse problema, a equipe do geneticista Gonçalo Amarante Guimarães Pereira, 39, do Instituto de Biologia da Unicamp, desenvolveu leveduras geneticamente modificadas, que percebem quando o açúcar acaba na mistura da dorna e decantam rapidamente.

CORREIO POPULAR

7 de outubro - O Centro Pluridisciplinar de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas (CPQBA) da Unicamp está em vias de se tornar centro de referência no monitoramento microbiológico do ar de sistemas climatizados.

5 de outubro - A Unicamp detém 6% da produção de textos científicos de toda a América Latina. A publicação indexada (num banco de dados internacional, o ISI) de artigos que detalham trabalhos em revistas reconhecidas pela comunidade de Ciência e Tecnologia internacional é um dos termômetros que medem a produtividade de uma instituição de pesquisa e ensino.

Encontro reúne portadores de MPSI

A Unicamp sedia nos dias 18 e 19 (sábado e domingo), o 1º Encontro Nacional de Familiares e Portadores de Mucopolissacarídeos (MPSI), doença rara causada pela deficiência da produção de enzimas lisossômicas fundamentais para o organismo humano. A falta desta enzima acarreta o acúmulo de mucopolissacarídeos no organismo e pode alterar a estrutura dos tecidos, provocando o comprometimento cardíaco, esquelético, hepático, ocular e, em alguns casos sérios problemas relacionados ao sistema nervoso central.

O evento acontece no Auditório da Faculdade de Ciências Médicas e a expectativa é reunir cerca de 400 pessoas de várias cidades brasileiras para esclarecer e divulgar esse grupo de doenças geneticamente determinadas. De acordo com a coordenadora científica do congresso, professora Denise Norato, do Departamento de Genética Médica, a idéia é favorecer o cuidar médico e a participação das famílias no processo terapêutico. Além destas propostas, o evento tam-

bém pretende promover a integração e atualização dos profissionais da área de saúde envolvidos no tratamento ou diagnóstico da doença.

Vários tipos - A professora Denise explica que existem vários tipos da doença. O quadro clínico pode ser grave, moderado ou leve, com ou sem comprometimento neurológico e é classificada em 6 tipos. Um dos recentes avanços científicos, já autorizado pelos órgãos americanos, consiste na Terapia de Reposição com Enzimas Recombinantes. Esse

tratamento, porém, no momento, só está disponível para os portadores da MPSI tipo I. Para terapêuticas para os tipos II e VI da doença, as pesquisas estão na fase final.

A professora Denise esclarece, no entanto, que a tecnologia utilizada para a produção do medicamento é bastante dispendiosa e por isso o custo final do medicamento é elevado. Cada frasco custa em média R\$ 600,00. A quantidade a ser aplicada, em infusões venosas que podem durar até 4 horas, é baseada no peso do paciente. Portanto, pode acontecer

de um adulto necessitar até 12 frascos do remédio, semanalmente, para toda a vida.

Segundo o presidente da Associação Paulista de Mucopolissacarídeos, Márcio Cipriano, a entidade tem tentado por diversas formas conseguir inserir o medicamento na lista de remédios custeados pelo governo. Na última semana o presidente esteve em Brasília para contatos sobre o assunto. O tema, inclusive, deve fazer parte da programação do congresso.



Foto: Antoninho Perri

Engenharia civil

Alunos do curso de engenharia civil participam da 8ª Semana de Estudos no período de 13 a 17 (segunda a sexta-feira), no auditório do prédio de salas de aulas da Faculdade. Como parte da programação, profissionais de várias empresas e pesquisadores falam sobre as recentes experiências na área. O tema nesta edição será "O desenvolvimento sustentável no futuro da engenharia civil" e pretende discutir os problemas que envolvem a responsabilidade no desenvolvimento tecnológico, social e econômico. Mais informações: 19) 3788-2408 ou e-mail benigna@feq.unicamp.br

PA NEL A SEMANA

Feia - O 4º Festival do Instituto de Artes da Unicamp (Feia 4), iniciativa conjunta dos alunos de graduação dos cursos de Artes Cênicas, Artes Corporais, Artes Plásticas e Música, acontece até dia 19 (domingo) em vários locais da cidade como na Estação Cultura, no Sesc-Campinas, no Espaço Cultural Evolução, em teatros, escolas públicas e Centros Comunitários de Campinas e na Unicamp (Instituto de Artes, Restaurante Universitário, Teatro da Medicina, Auditório do IA e cantinas). O evento artístico e educacional que apresenta, pelo quarto ano consecutivo, obras da produção cultural da Universidade tem o objetivo de atingir grande parte da população de Campinas e região. Programação completa: www.iar.unicamp.br.

Lançamento - A Editora da Unicamp realizará, no próximo dia 13 (segunda-feira), o lançamento do livro "História, Memória e Literatura - O testemunho na era das catástrofes". O evento ocorrerá na Livraria Cultura (Avenida Paulista, 2073 - Conjunto Nacional São Paulo). Informações: (11) 3170-4033 ou e-mail deise@editora.unicamp.br.

Caboclinho - O Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais (Lume), em parceria com o Grupo Matula de Teatro de Barão Geraldo ministrará, duas aulas de caboclinho (dança popular de Pernambuco), nos dias 13 e 14 (segunda e terça-feira), das 19 às 22 horas, e das 15 às 18 horas, respectivamente. As aulas acontecem na sede do Matula Teatro e tem o custo de R\$ 15. No dia 14, às 21 horas, o mestre de caboclinho, Paulinho 7 flechas, de Recife, fará uma apresentação de dança no Lume. A sede do Lume fica localizada na Rua Carlos Diniz Leitão, 150, Vila Santa Isabel, Barão Geraldo. Mais informações: 3289-6465 (Grupo Matula de Teatro) ou no Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais (Lume), telefone 3289-9869.

Casa do Lago - O Espaço Cultural Casa do Lago sediará, de 13 a 17 (segunda a sexta-feira), das 9 às 20 horas, a exposição de Flavio Thadeu, de apenas 16 anos, morador do Jardim São Marcos. Além da mostra - óleo sobre tela - haverá encontro de professores e pesquisadores da universidade, num ciclo de palestras e oficinas, abertas ao público em geral. Entre os convidados, participa o filósofo Fausto Castilho, professor emérito da Unicamp e um dos fundadores do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Informações: casadolago@reitoria.unicamp.br ou (19) 3788-7017. Programação completa do evento no site <http://www.preac.rei.unicamp.br/flavio/programacao.htm>.

Geologia médica - O Instituto de Geociências (IG) realizará, de 14 a 16 (terça a quinta-feira), no Salão Nobre da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), o workshop "On Medical Geology - Metais, Saúde e Ambiente". É destinado a profissionais da área médica ou das

geociências e ciências exatas, como: geólogos, ecologistas, químicos, biólogos, médicos, toxicologistas, epidemiologistas, patologistas e qualquer outro profissional ligado às questões de saúde humana e meio-ambiente. Programação completa e informações: <http://www.ige.unicamp.br/geomed/>, telefone (19) 3788-4653 ou e-mail spg@ige.unicamp.br.

Pesquisa em Seres Humanos - No próximo dia 14 (terça-feira), às 9 horas, o professor William Saad Hossne (Unesp-Botucatu) fará palestra "Bioética e a pesquisa em seres humanos", como parte do Programa Comunidade Saudável. O evento ocorrerá no Auditório da Diretoria Geral da Administração (DGA). As inscrições são gratuitas. Mais informações: telefone (19) 3788-1153 ou site <http://www.comunidadesaudavel.unicamp.br>

Suely Pinotti na Espanha - A artista plástica Suely Pinotti, do Instituto de Artes da Unicamp (IA), realiza exposição no próximo dia 15 (quarta-feira), na Embaixada do Brasil em Roma. A mostra já passou pelo Instituto Cultural Hispânico (Barcelona) e pela Embaixada do Brasil em Berlim.

Hospitais universitários - O próximo seminário dentro dos Fóruns Permanentes organizados pela Coordenadoria Geral da Universidade (CGU) e Coordenadoria de Relações Internacionais e Institucionais (Cori) acontece dia 16 (quinta-feira), das 8h30 às 17 horas no Auditório da Biblioteca Central. O tema desta vez será "As políticas públicas de saúde e o papel dos hospitais universitários". Informações: <http://www.cori.rei.unicamp.br/foruns2003/foruns-saude.htm>.

Alimentos - Diversos especialistas da área de alimentos estarão presentes no próximo dia 16 (quinta-feira), das 8h30 às 17 horas, no Salão Vermelho da Prefeitura, para participar das comemorações do Dia Mundial da Alimentação. No evento, Walter Belik do Instituto de Economia (IE) falará sobre "Avanços do Programa Fome Zero". Carlos Anjos da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) - "O papel da embalagem na segurança dos alimentos" e Waldemiro Carlos Sgarbieri do Núcleo de Estudos de Pesquisas em Alimentação (Nepa) abordará o tema "Alimentos funcionais e saúde: realidade e desafios". As inscrições são gratuitas e podem ser feitas no dia do encontro.

Colóquio de Heidegger - "Os caminhos da linguagem" é o tema do 8º Colóquio Heidegger, que será realizado de 16 a 17 (quinta e sexta-feira), das 9 às 17h30, no Auditório do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Mais informações: e-mail seceven@unicamp.br.

Idoso - Alunos de medicina que compõem a Liga de Geriatria da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) realizarão, no próximo dia 17 (sexta-feira) em frente à rampa de acesso do Hospital das Clínicas (HC), a Campanha Antiqueda do Idoso. O evento incluirá uma maquete em tamanho natural, que simulará alguns cômodos de uma residência com acessórios adaptados para evitar a queda do idoso. Ginástica de alonga-

mento e apresentação de corais de Terceira Idade também fazem parte da programação. Informações e-mails ebrozatto@bol.com.br ou dannimed@yahoo.com.br.

OPORTUNIDADES

Maratona de Programação - A Unicamp sedia entre os dias 7 e 8 de novembro a Maratona de Programação, evento realizado pela Sociedade Brasileira de Computação. Da Universidade participam 77 times inscritos (cada time com 3 alunos participantes e um professor responsável) e a concentração acontecerá no Ginásio da Universidade. A competição serve de eliminatória para o *International Collegiate Programming Contest*. Informações: <http://www.ic.unicamp.br/maratonas> ou com o professor Rodolfo Jardim de Azevedo, telefone 3788-5857, e-mail: rodolfo@ic.unicamp.br

Maratona Aquática - A Faculdade de Educação Física, estará realizando no dia 25 de outubro a 1ª Maratona Aquática. O evento consiste na realização de uma prova de natação, em forma de competição, que tem como meta o cumprimento da distância de 42.195 metros nadando, no menor espaço de tempo. Para a realização da tarefa proposta, participarão equipes formadas por 4 atletas, que em sistema de revezamento tentarão atingir a meta proposta. Esta realização tem a largada prevista para as 9 horas, com término previsto para o mesmo dia por volta das 21 horas na piscina da FEF. A coordenação geral esta sob a responsabilidade do professor Orival Andries Júnior. Inscrições: mmoraes@fef.unicamp.br

Logotipo - Concurso para a criação de um logotipo para a 23ª Semana de Engenharia de Alimentos que acontecerá de 18 a 24 de julho de 2004: Qualquer interessado pode participar. Os desenhos deverão ser entregues de 20 a 24 de outubro no Centro Acadêmico da Faculdade de Engenharia de Alimentos (Cafea). Informações: www.logodasemalim.hpg.ig.com.br ou cjoana@fea.unicamp.br.

Exposição - A Galeria de Arte da Unicamp apresenta a exposição "Amiscar - a perene alquimia do abrigar", por Izaak Valdeirgom. A mostra do artista plástico permanece até dia 17 (sexta-feira) e faz parte da dissertação de mestrado orientada pelo professor Ernesto Giovanni Boccara. Informações: www.iar.unicamp.br ou galeria@iar.unicamp.br.

Vaga na FEC - Inscrições até dia 17 (sexta-feira) para o processo de mobilidade funcional do Departamento de Estruturas. Há uma vaga para Técnico da Área de Exatas/médio (Técnico de Laboratório) e uma vaga de Profissional da Área de Exatas/superior (Tecnólogo). Procurar Assessoria da FEC, com Edmilson Roberto, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas. Outras informações: <http://rhuec.dgrh.unicamp.br/opportunidades>.

Almeida Prado - Concurso Almeida

Prado de Composição em homenagem aos sessenta anos do compositor. Organizado pela Fundação Eleazar de Carvalho, responsável pela organização artística da "Semana Eleazar de Carvalho" instituída pelo governo do Estado de São Paulo através da Secretaria da Cultura, o concurso conta com o apoio do CDMC-Brasil/Unicamp. A obra deverá ser composta para quarteto de cordas (2 violinos, viola e violoncelo), durar entre 7 e 10 minutos, e os compositores deverão ter até 35 anos de idade (nascidos até 31/12/1968). A data final de inscrição é 31 de outubro. Informações: telefone/fax (19) 3788-6533, e-mail: cdmccris@unicamp.br, cdmusica@unicamp.br (a/c Cristiano Melli).

Colégio técnico - O Cotuca e Cotil estão com inscrições abertas para os cursos técnicos oferecidos gratuitamente. O Colégio Técnico de Limeira (Cotil) oferece os cursos de Construção Civil, Informática (integral e noturno), Enfermagem, Qualidade e Produtividade, Geomática e Mecânica. As inscrições vão até dia 14 (terça-feira), na Secretaria do Cotil ou do cursinho. Informações: (19) 3404-7100. O Manual do Candidato do Cotuca para o seu "vestibulinho" 2004 estará à venda até o dia 17 (sexta-feira). Custa R\$ 5 e a taxa de inscrição R\$ 30. Os candidatos deverão fazer a inscrição para o processo seletivo nos dias 18 e 19 (sábado e domingo), no Ginásio de Esportes do Colégio "Culto à Ciência". Outras informações: telefone (19) 3232-9488 ou e-mail contato@cotuca.unicamp.br.

TESES DA SEMANA

Biologia - "Aspectos morfológicos da apoptose induzida pelo tamoxifeno em linfócitos humanos cultivados in vitro" (mestrado). Candidata: Naila Francis Paulo Dolveira. Orientadora: Mary Anne Heider Dolder. Dia: 13 de outubro, às 14 horas, sala de defesa de tese da Pós-graduação do IB.

"Mapeamento de QTLs para caracteres de importância agrônoma em duas populações F2 de milho tropical" (mestrado). Candidato: Alexandre Franco Garcia. Orientador: Cláudio Lopes de Souza Jr. Dia: 17 de outubro, às 14 horas, Sala de Defesa de Tese da Pós-Graduação do IB.

Filosofia e Ciências Humanas - "Problemas e impasses da carreira pública no Brasil: a experiência de gestores governamentais na administração pública federal" (mestrado). Candidata: Rosângela Aparecida dos Reis Sampaio. Orientador: Valeriano Mendes Ferreira Costa. Dia: 13 de outubro, às 10 horas, Sala de Tese - PG/IFCH.

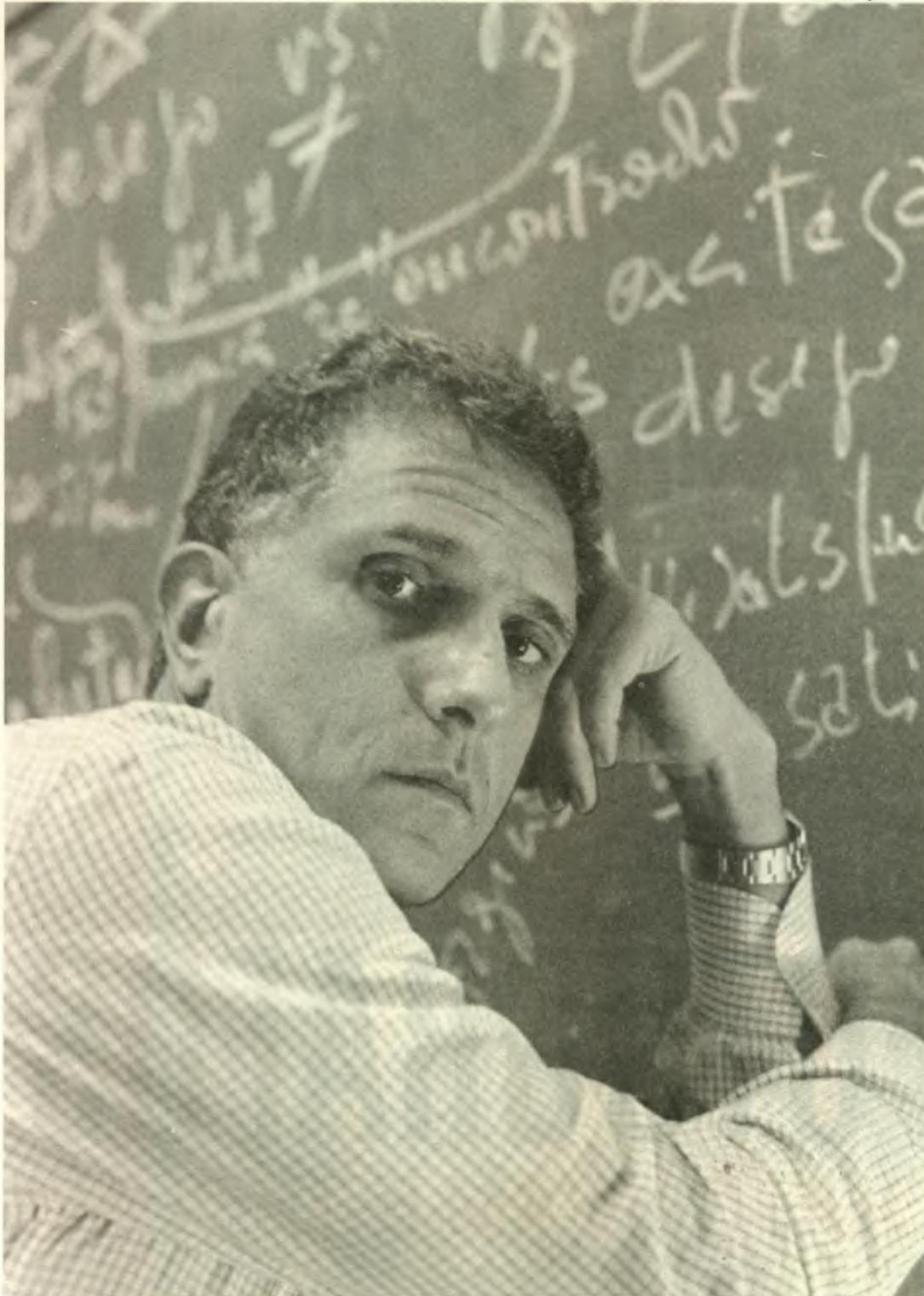
"A proposta Bresser de reforma do estudo e a questão da autoridade pública no Brasil" (mestrado). Candidato: Paulo Emilio Douglas de Souza. Orientador: Eliézer Rizzo de Oliveira. Dia: 17 de outubro, às 9 horas, Sala de Tese - PG/IFCH.

Psicanalista, que vai participar de encontro no IEL, fala da relação entre a psicanálise e a universidade

Ética e estética do desejo

ENTREVISTA: CONTARDO CALLIGARIS

Foto: Agência Folha



O psicanalista Contardo Calligaris: "Uma mudança de perspectiva é o mínimo que se pode esperar de um diálogo psicanalítico"

A organização da subjetividade contemporânea em sua relação com o desejo e o discurso social tem sido tema de discussão em diversas áreas, entre elas a lingüística, a psicanálise, a comunicação e a filosofia. Nos dias 22, 23 e 24 de outubro acontecerá, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, a IV Jornada Corpolingüagem, que terá como tema A Est-Ética do Desejo. O Grupo de Pesquisa SEMA-SOMa, vinculado ao IEL e formado por estudantes e pesquisadores que estudam as articulações entre e corpo e a linguagem, tem promovido, desde 2000, encontros anuais com o objetivo de incentivar reflexões sobre o tema. O encontro deste ano busca promover uma discussão sobre a ética e a estética do desejo em sua relação com a organização da sociedade e da subjetividade atuais. Para abrir a jornada foi convidado o psicanalista Contardo Calligaris, autor de diversos artigos e livros publicados no Brasil.

Na entrevista que segue, concedida aos integrantes do SEMA-SOMa, Calligaris discute a relação entre a psicanálise e a universidade e fala da confusão entre critérios éticos e critérios estéticos na sociedade ocidental moderna. Na jornada, diversos pesquisadores debaterão o tema, agrupados em mesas temáticas variadas. Para maiores informações, acessar o site www.unicamp.br/iel/semasoma. As inscrições são gratuitas e devem ser efetivadas com antecedência.

Como você pensa a relação da psicanálise com a universidade?

Calligaris – Um primeiro ponto óbvio é que a universidade não forma psicanalistas, mas isso não quer dizer que não seja possível ensinar psicanálise. É possível ensinar psicanálise, porque existe um corpo teórico do qual é possível falar, falar não só de teoria psicanalítica, mas de clínica psicanalítica. A única coisa é que esse ensino não é suficiente para formar psicanalistas, e de fato não forma nem tem a pretensão de formar. Além disso, não há muito o que dizer sobre a relação entre a psicanálise e a universidade, a não ser que, a partir dos anos 60, os institutos de psicanálise ficaram um pouco preocupados porque acharam que eles podiam perder a sua relevância social. Se eu posso aprender psicanálise na Universidade Estadual de Campinas porque entraria numa sociedade de psicanálise? A primeira razão é que na Universidade Estadual de Campinas, ou em qualquer universidade federal, estadual ou privada, eu não posso me formar como psicanalista, simplesmente porque eu não posso inserir num curso universitário, uma análise pessoal. Apesar disso as associações e institutos psicanalíticos se preocuparam muito com a possibilidade de perder seu lugar social e sua exclusividade e, portanto, foi produzida uma série de considerações - e a teoria muitas vezes, ou quase sempre, responde às necessidades da prática e, às vezes, responde também às necessidades políticas - de que haveria uma diferença radical entre isso que está no discurso universitário e a maneira de ensinar própria aos psicanalistas e que, portanto, mesmo os psicanalistas quando eles ensinassem numa universidade, fariam de um jeito completamente diferente, subjetivamente diferente.

Qual a sua opinião a esse respeito?
Calligaris – Isso é uma idealização

tanto da universidade quanto das instituições psicanalíticas, porque se acreditaria que nas universidades se ensina um saber ou pelo menos a retórica de uma mestria, uma espécie de domínio da coisa ou do objeto do qual se trataria na disciplina. Isso é muito parcialmente verdadeiro, porque no ensino universitário também se transmitem incertezas, situações, problemas e questões. E não é verdade que qualquer professor universitário só fale a partir de seu pleno domínio, porque se for um bom professor universitário, sabe que só se consegue ensinar alguma coisa que valha a pena, que valha a pena ser escutada. Não a partir do domínio do que está transmitindo para os alunos, mas a partir justamente das incertezas, das perplexidades, das questões sem resposta.

Nesse sentido, foi veiculada uma oposição entre psicanálise e universidade?

Calligaris – As duas posições foram cristalizadas assim: por um lado, a universidade seria o lugar onde reina um discurso universitário, um discurso que transmite um saber constituído e isso não seria o ideal para a psicanálise; e, por outro lado, nas instituições e nas associações psicanalíticas se transmitiria verda-

deiramente o discurso, não universitário, mas psicanalítico, um discurso diferente, cujo ponto de partida não seria o saber. Isso é uma idealização absoluta porque nas instituições psicanalíticas as pessoas que ensinam muito freqüentemente transmitem um saber exatamente como na universidade.

"Os critérios estéticos, sobretudo os modernos, são movediços"

Durante 15 ou 20 anos se discutiu, propagou-se, alimentou-se, foi repetida *ad nauseam* essa teoria que opunha a universidade às instituições e associações psicanalíticas ou, melhor dito, o discurso universitário ao discurso psicanalítico, mas também acho que ninguém acreditava mais, acho que ninguém deveria acreditar mais. O que resta dessa história é o óbvio, ou seja, que não se formam psicanalistas nas universidades, o que não quer dizer que não se possa ensinar psicanálise na universidade, como em qualquer outro lugar.

Você é articulista na Folha de São Paulo, publicando artigos e formulando questões em torno do laço social. Você pensa seus artigos como uma forma de produzir um outro olhar sobre esses fatos sociais?

Calligaris – Sim, sem dúvida. Espero que seja o que acontece de melhor. Quando você comenta, às vezes não se trata nem de comentar, mas de descobrir ou de recordar um momento da sua vida cotidiana, um momento de nossa vida social e política para que valha a pena comentá-lo. Em princípio é porque se espera que você tenha uma visão um pouquinho diferente da dos outros. Uma visão que talvez desloque algumas evidências recebidas e que permita às pessoas se situarem de uma maneira um pouco diferente. Isso é o que se espera da psicanálise, a psicanálise é uma técnica que pratica constantemente isso. Se o psicanalista serve para alguma coisa é porque ele nos sugere que vale a pena falar para alguém que de vez em quando retorna, nos devolve alguma coisa que nos permita pensar os problemas que temos de uma maneira um pouco diferente, que nos desloque um pouco. Uma mudança de perspectiva é o mínimo que se pode esperar de um diálogo psicanalítico. A psicanálise sem dúvida muda o olhar da gente.

Sua conferência tem como título A Est-Ética do Desejo.

Calligaris – O título contém uma espécie de trocadilho deliberado e acho isso muito pertinente. Um dos

temas que desenvolvi num seminário interno nos EUA era a confusão entre critérios éticos e critérios estéticos que orientam as nossas condutas. Eu tentava mostrar, primeiro, que era normal e esperado que numa sociedade organizada pelas aparências - e digo isso num tom, se for possível, constativo, não necessariamente crítico - não é nada estranho que razões estéticas orientem os nossos comportamentos, as nossas condutas, a ponto de ter um valor propriamente de razões morais. Primeiro não é estranho e segundo, às vezes os critérios estéticos de fato podem ser excelentes critérios morais. Existem critérios estéticos que podem ser valores éticos. Por exemplo, linchar alguém a pedrada não é bonito, antes disso deveria ser errado moralmente, mas numa situação cultural em que não é óbvio que o critério moral tenha um valor coletivo, ele pode ser substituído por um critério estético, que, como todos os critérios estéticos, sobretudo modernos, são movediços. O critério estético é uma coisa que faz e se desfaz o tempo inteiro, mas ele pode ter uma função parecida com a função que antigamente tinham os critérios éticos.

Como você pensa isso em relação ao desejo?

Calligaris – Quando você pensa o desejo humano, tomando o desejo no sentido mais amplo como o que motiva a nossa conduta, você pode imaginar que nosso desejo seja orientado, por exemplo, pelos ideais que nos foram transmitidos, isso seria um tipo ético de orientação. Numa sociedade, numa cultura em que o desejo é cada vez mais orientado pela expectativa da aprovação dos outros - que é exatamente como se define uma sociedade narcisista, porque nós agimos na procura do olhar dos outros - essa expectativa pode também ter exatamente o mesmo efeito de direção de nossa ação que tinham os critérios ideais numa cultura diferente.

E os efeitos disso na sociedade e na subjetividade individual?

Calligaris – A organização narcisista da personalidade, ou seja, o fato de que a subjetividade contemporânea é fortemente dirigida pelo olhar do outro, isso não é uma coisa sobre a qual nós tenhamos a possibilidade de ter uma posição ideológica, porque isso é a realidade subjetiva da sociedade ocidental moderna, não sei se temos o que escolher. Sempre tem como ser do contra, mas não sei se quando tecemos elogios dos ideais não estamos simplesmente adotando uma posição nostálgica. Um dos defeitos da consciência crítica ocidental que nasceu no século XIX é a ideia de pensar que a posição mais atraente é a posição negativa. Em geral, a psicanálise, a partir da experiência clínica, tem uma atitude um pouquinho diferente: a questão do psicanalista em relação ao paciente é 'o que é possível fazer que valha a pena, que seja interessante, que não seja uma vida chata a partir das cartas que um paciente tem nas mãos, que alguém tem nas mãos, as cartas que lhe foram dadas?'. Pensar sempre em jogar o baralho fora, ou então parar a mão e redistribuir as cartas, é uma posição que pode se tornar bastante estéril até porque, nem sempre, na verdade quase nunca, a gente tem o poder de redistribuir as cartas. O que a gente pode fazer é jogar a melhor partida possível com as cartas que recebeu. Se a subjetividade contemporânea é uma subjetividade narcisista, muito bem, a partir disso como se organiza um mundo possível em que seja interessante viver? Isso me parece muito mais ao nosso alcance e de fato mais interessante do que uma posição negativa. Por isso me interessa pensar quais são os critérios de conduta, qual é a ética possível a partir desses critérios estéticos.

Beatriz Lefèvre, fotógrafa e editora: livro de fotografia torna-se um novo meio de expressão

Profissionais (ou não) começam a associar imagens, textos e design para fazer do livro seu novo meio de expressão

LUIS SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Alguns anos atrás, a bibliotecária Julia van Haften descobriu que a Biblioteca Pública de Nova York possuía vários livros com originais fotográficos, especialmente do século 19, dispersos pelas estantes sem que houvesse a preocupação de classificá-los sob a categoria "fotografia". Ela reuniu o material depois de paciente pesquisa e organizou uma exposição, fazendo com que livros de Maxime Ducamp ou Francis Frith passassem a valer pequena fortuna. Em São Paulo, no ano 2000, Beatriz Lefèvre viu, de baixo do balcão de um sebo na Rua Teodoro Sampaio, um livro de fotografias de Gaspar Gasparian, edição original de 1953, autografada pelo autor. Pensou que estivesse reservado, mas a vendedora apanhou o livro parecendo se livrar de um incômodo e cobrou por ele meros R\$ 15,00.

Beatriz Lefèvre conta estas passagens na introdução de *Livros de Fotografia: história, conceito, leitura*, sua dissertação de mestrado em multimeios no Instituto de Artes (IA) da Unicamp, sob orientação do professor Roberto Berton de Angelo. "Pesquisa, reflexão, reconhecimento, conceituação, exposição e promoção são etapas do processo de produção cultural essenciais para que os bens culturais sejam reconhecidos. Sem elas, a produção cultural pode ficar 'sob o balcão' ou perdida nas prateleiras em meio a tantos objetos hoje produzidos com a grife cultural", escreve.

Em sua residência no bairro de Pinheiros, Beatriz Lefèvre afirma que tem a vida permeada por textos, imagens e design gráfico. Formada em economia, ganha o pão como editora de livros, redigindo e aparando textos da área. Um curso de especialização permitiu, porém, que a fotógrafa até então amadora partisse para a produção e edição de fotografias em publicações institucionais, além de trabalhos de documentação fotográfica, como tem feito em cursos oferecidos pelo Museu de Arte Moderna (MAM) a pessoas com necessidades especiais. Também foi convidada a documentar o Projeto Pró-Várzea, expedição científica composta por biólogos de várias instituições, que visa à delimitação de áreas de preservação ambiental na Amazônia.

"O tema da dissertação surgiu quando eu procurava bibliografia sobre livros de fotografia e descobri que existia quase nada. Apareceram algumas obras sobre o tema somente no final da pesquisa", recorda. Segundo a pesquisadora, o livro de fotografia tem sido pouco estudado no Brasil e no exterior, tanto pelos que se dedicam à fotografia, sua linguagem e seus usos, quanto pelos estudiosos do livro e de sua história. Ela encontrou apenas quatro títulos dedicados especificamente ao livro de fo-



Foto: Antoninho Perri



Fotos: Divulgação

Foto de Gabriela Pereira, em *Inventos de Rua*; abaixo, crianças em *Terra*, de Sebastião Salgado



FOTOGRAFOS QUE CLICAM E TECLAM

tografia, nenhum deles brasileiro.

Beatriz Lefèvre explica que a fotografia foi descoberta justamente quando se pesquisavam técnicas de reprodução de imagens para os livros. "A fotografia já nasce ligada ao livro. Ela vem servindo a livros de documentação desde meados do século 19 e ganha status de arte a partir do início do século 20", observa. O primeiro livro de fotografias, *The pencil of Nature*, foi publicado em 1844 por Fox Talbot. O escritor e cientista inglês foi um dos descobridores da fotografia e seu método, que permitia a reprodução em série de imagens fotográficas (o negativo), iniciou uma revolução que só veio a ser equiparada muito recentemente, com o surgimento da câmara digital.

Além do portfólio – A pesquisadora procura conceituar o livro de fotografia a partir de três categorias: o livro ilustrado, que já existia antes da fotografia; o livro de arte, em especial os portfólios do artista, que também antecederam a fotografia; e o livro do artista, que se firma a partir dos anos 1960 como uma nova modalidade de produção artística. "Acho necessário expandir o conceito do livro de fotografia, que segundo a noção corrente se resume ao portfólio do au-

tor. Trata-se de uma definição muito restrita para o universo de publicações que ocupam cada vez mais espaço nas prateleiras das livrarias", afirma.

Na opinião de Beatriz Lefèvre, hoje os fotógrafos usam cada vez mais o livro como meio de expressão. Encontram no livro maior liberdade que em suas áreas de atuação profissional, onde se sujeitam à pauta, ao estilo e ao crivo do editor de determinada publicação. "Fotógrafos estão usando o livro como um meio de arte. Além de expor seus trabalhos fotográficos, eles fazem do próprio livro uma obra", observa a editora.

Um dos exemplos deste novo conceito, analisado na dissertação, é o livro *Silent Book* (Cosac & Naify), de Miguel Rio Branco. Espanhol radicado no Brasil, Rio Branco é considerado o fotógrafo da cor e utiliza sua técnica para tornar mais nítidos os contornos das imagens da pobreza, prostituição e marginalidade – estilo comparado ao do pintor italiano Caravaggio, que elegera gente das ruas para ocupar o lugar de santos em suas telas. "*Silent Book* não é apenas um livro que dá suporte à imagem fotográfica, tanto que Rio Branco ganha o crédito não apenas pelas fotos, mas pela concepção editorial. Ele usa

páginas duplas e dobras para associar imagens. Não vemos uma frase, uma legenda sequer. É o discurso da imagem", ilustra Beatriz Lefèvre.

Diálogo inteligente – Mais dois livros são abordados na dissertação: *Terra*, de Sebastião Salgado, e *Impressões de um Japão Incomum*, de Mau-

reen Bisilliat. Salgado, fotógrafo brasileiro reconhecido mundialmente, recorre a poemas de Chico Buarque, a textos de José Saramago e cuida ele mesmo das legendas. "São três tipos de texto que dialogam com a imagem. Um diálogo inteligente, que juntamente com as fotos nos faz viajar com o tema de maneira muito rica. Lendo vendo o livro, vemos uma história, uma trajetória de luta no campo, e no final uma mensagem de esperança em imagens de crianças com forte apelo emocional", descreve a editora.

Em 55 imagens captadas em apenas duas semanas, a fotógrafa inglesa radicada no Brasil Maureen Bisilliat retrata um Japão arcaico, agrário e milenar, surpreendente para os estrangeiros impressionados com os emblemas da contemporaneidade espalhados pelo país. Ela escolheu o formato horizontal para o livro e textos de Lafcadio Heam, escritor grego que adotou o Japão como pátria aos 41 anos de idade. "Com anos separam o texto das imagens. Mas o que me chamou a atenção foi o projeto gráfico, pródigo em inovações, com a apresentação na orelha do livro, imagens emolduradas ou sangradas, cores diferentes em páginas e letras, tudo conduzindo a relação entre textos e imagens. Há uma unidade muito forte a cada virada de página", afirma a pesquisadora.

Bons improvisos – Para não se restringir à dissertação, Beatriz Lefèvre busca na estante mais dois livros. *Rua dos Inventos* (Editora Francisco Alves), é uma pesquisa da fotógrafa Gabriela de Gusmão Pereira sobre inventos de rua. "Ela associa fotografias, desenhos e textos de diversos tipos, dentre eles poemas e declarações dos próprios inventores de rua, compo uma narrativa superintere-sante", ressalta a editora.

Nesta linha, a atriz Regina Casé produziu o livro *Já* (DBA), reunindo imagens à exaustão tiradas de uma Polaroid e selecionadas entre um acervo de mais de 3 mil fotos pessoais. "Não são fotos de qualidade, mas tipo álbum de família: da atriz, dos parentes e de amigos, tiradas em casa, em viagens e no trabalho. A própria Regina Casé se encarregou das legendas, muito rápidas, e acabou nos oferecendo uma autobiografia em imagens. A fotografia não precisa ser uma obra de arte para que o livro, bem editado, se torne um poderoso instrumento de comunicação", insiste Beatriz Lefèvre.

Tecnologia em Projeção

- **Projetores Novos** a partir de US\$ 1.600*
- **Video Conferência**
- **Home Theater**
- **Salas e Auditórios**
- **Manutenção**
- **Assistência Técnica**
- **Suporte e Acessórios**

*Valor referência dólar comercial data de lançamento • Imagens meramente ilustrativas

Temos também projetores usados com 1 ano de garantia

www. **PROGEMAX** .com.br

Fornecedor Oficial das Melhores Marcas! **Ligue: 11. 5078.8955**